

1. CARTA DO REITOR-MOR

«JOVEM, EU TE ORDENO, LEVANTA-TE!» (Lc 7,14)

A opção salesiana pelos jovens em alto risco social como um compromisso com a justiça, a paz e o cuidado com a criação.

INTRODUÇÃO. *Em sintonia com o itinerário empreendido até agora pela Congregação.* – **1. ITINERÁRIO EDUCATIVO-PASTORAL DE JESUS À LUZ DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS.** **1.1.** *Ir além das fronteiras das culturas desconhecidas.* **1.2.** *Portadores e semeadores de esperança em meio a uma cultura de morte.* **1.3.** *O amor de Deus é também materno.* **1.4.** *Um itinerário educativo.* **1.5.** *Difundir a boa-nova.* **2. A OPÇÃO PELOS MAIS POBRES.** **2.1.** *Com uma pastoral juvenil para a libertação e a reinserção de obras e serviços educativos.* **2.2.** *Cuidado pastoral e acompanhamento com animadores idôneos e preparados.* **2.3.** *Uma pastoral que leve a família em consideração.* – **3. O EMPENHO PELO DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL.** **3.1.** *A importância das obras para os jovens em situação de risco e a inovação social.* **3.2.** *A complementaridade dos saberes e das instituições salesianas.* *a. A contribuição salesiana na abordagem dos direitos humanos em nossos contextos.* *b. A pedagogia social em chave salesiana.* *c. A complementaridade dos saberes.* **3.3.** *O empenho na cidadania ativa.* *a. Formação para a cidadania ativa.* *b. O voluntariado para a construção da amizade social.* **3.4.** *Educação à fé e acompanhamento nas obras sociais salesianas.* – **4. O ÂMBITO DO SISTEMA PREVENTIVO.** **4.1.** *Uma resposta constante.* **4.2.** *Novas formas de missão.* *a. O efeito devastador da pandemia da covid-19.* *b. A nefasta guerra na Ucrânia.* *c. Outros lugares de dor, morte e fome.* **4.3.** *Obras e serviço sociais salesianos entre os migrantes e refugiados.* – **5. SUSTENTABILIDADE DAS OBRAS E DOS SERVIÇOS SOCIAIS.** **5.1.** *A estrutura organizativa nas atividades salesianas de desenvolvimento.* **5.2.** *O processo de decisão.* *1. Devemos ter uma visão de futuro.* *2. Ter uma visão orgânica.* *3. Sempre com uma visão de conjunto.* *4. Tenhamos os olhos sempre voltados para os jovens.* – **CONCLUSÃO – BIBLIOGRAFIA.**

Turim, 8 de setembro de 2022.

Festa da Natividade da Bem-Aventurada Virgem Maria.

«Dom Bosco viu com clareza o alcance social de sua obra. Trabalhamos em ambientes populares e em favor dos jovens pobres. Colaborando com eles, educamo-los para as responsabilidades morais, profissionais e sociais, e contribuimos para a promoção do grupo e do ambiente. Participamos, na qualidade de religiosos, do testemunho e do compromisso da Igreja para com a justiça e a paz. Conser-vando-nos independentes de qualquer ideologia e política partidária, recusamos tudo o que favorece a miséria, a injustiça e a violência, e colaboramos com os que constroem uma sociedade mais digna do homem. A promoção, à qual nos dedicamos em espírito evangélico, realiza o amor libertador de Cristo e constitui um sinal da presença do Reino de Deus»¹.

INTRODUÇÃO

Queridos Irmãos,

O imenso dom que o nosso carisma representa na Igreja teve, desde o início, um relevante caráter social. O fato de Dom Bosco ser reconhecido como um dos santos sociais da Turim do século XIX manifesta a identidade e a intenção de uma particular missão, realizada pelos Salesianos ao longo dos anos e nos cinco continentes mediante uma grande variedade de ambientes pastorais.

O exemplo evangélico da misericórdia encarnada por Jesus levou Dom Bosco a fixar o olhar sobre as crianças e os jovens mais pobres e abandonados, os sem família, os sem um teto sobre suas cabeças, os analfabetos e os desempregados, os sem formação religiosa e moral, os mais frágeis dos frágeis... Em uma palavra, sobre todos aqueles que são considerados “excluídos”, presas fáceis de um desespero que pode levá-los a formas de delinquência ou serem explorados por abusadores inescrupulosos. Indivíduos, portanto, que correm o risco de ser descartados pela sociedade, de perder a sua dignidade, de não experimentar a beleza e a bondade de serem filhos livres de Deus Pai Criador.

Dom Bosco, tendo entendido que a missão que Deus lhe confiava não era entre aqueles que já estavam na prisão, corroídos pelo desespero, entendeu que o seu sistema devia ser verdadeiramente preven-

1 *Const.* 33.

tivo e por isso canalizou a sua inteligência pastoral na prevenção dos riscos que corriam os jovens da Turim industrial do século XIX e de outras cidades.²

Iniciou, então, com o seu diretor espiritual, um caminho de discernimento da própria vocação e, aberto à ação do Espírito, descobriu, ao longo da sua vida, o modo de conquistar almas para Deus entre aqueles que pareciam condenados às trevas. O resultado desse discernimento foi traduzido em uma proposta educativa, evangelizadora e caritativa. Cada encontro pessoal, cada projeto empreendido com os seus Salesianos e colaboradores em seu trabalho não é outra coisa senão a prova do amor de Deus pelos seus filhos prediletos: os pequenos e os pobres.

A caridade traduziu-se numa experiência integral de acompanhamento dos jovens, fortalecendo suas personalidades para poderem alcançar a maturidade como pessoas livres e autônomas. Todas as intervenções são para ajudá-los a se preparar para a vida.³ É compreensível, portanto, que o conceito de salvação das almas na ação pastoral de Dom Bosco não tenha sido um discurso abstrato, mas uma resposta concreta capaz de acolher cada pessoa com a atenção amorosa própria de uma família que cuida das necessidades primárias dos jovens, educa-os com habilidades adequadas para poderem ganhar o próprio sustento e viverem honestamente, e ajuda-os a abrir-se às relações com os outros e com Deus, a fim de poderem encontrar o seu “lugar no mundo”, o seu espaço na sociedade e na Igreja.

Definimos *sinteticamente* como “critério oratoriano” o conjunto das experiências educativas e evangelizadoras que encontramos na vida de Dom Bosco e na sua comunidade de Valdocco. Com esse mesmo critério, ao abrir-nos às realidades do nosso tempo, nós, Salesianos, continuamos a responder às diversas formas de risco juvenil que podem levar a situações de exclusão social.⁴ Formar bons cristãos e cidadãos honestos entre aqueles cujos direitos humanos foram violados tem um efeito notável em todas as partes do mundo onde estamos presentes. Mesmo nos países mais radicalmente laicizados, a nossa

2 Cf. SALESIANOS DE DOM BOSCO, «*Quais Salesianos para os jovens de hoje?*». *Reflexão pós-capitular*. Editrice S.D.B., Roma 2020, p. 74, n. 7. A seguir CG 28 (obs.: as indicações das páginas são da edição italiana).

3 Cf. *Const.* 40.

4 Cf. CG 28, p. 73-74, n. 6.

contribuição salesiana aos mais necessitados é reconhecida positivamente pelas sociedades civis e pelos diversos órgãos governamentais como uma proposta positiva para a construção da coesão social.

De fato, em muitas presenças salesianas ao redor do mundo, aqueles que trabalham em Comunidades Educativo-Pastorais (CEPs) no campo social estabeleceram convenções com Igrejas locais, associações privadas,⁵ governos regionais e até mesmo Estados nacionais, e geraram estratégias, instrumentos de intervenção e estruturas que nos permitem ser credíveis e apreciados pelo trabalho que realizamos.

Convencidos de que trabalhar com os jovens e as comunidades de alto risco é uma das mais belas formas de santificação que herdamos do nosso Fundador, reconhecemos, com humildade e sem triunfalismo, que somos chamados a continuar nesse trabalho com espírito evangélico e profissionalismo no interior de obras e serviços sociais: esta é a contribuição salesiana para a construção do Reino de Deus. Com essa mesma dinâmica, somos chamados a abrir espaços de diálogo com os não crentes na perspectiva que hoje o Papa Francisco chama de «amizade social»,⁶ ponto de convergência de todos os esforços da humanidade na construção da justiça e da paz: «O bem, como aliás o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam de uma vez para sempre; hão de ser conquistados cada dia».⁷

Sem dúvida, entre os vários ambientes da nossa pastoral juvenil salesiana, aquele das “**Obras e Serviços Sociais Salesianos**” mostram claramente o olhar misericordioso de Jesus, pois ali encontramos os vários dramas de crianças, adolescentes e jovens em contextos sociais de alto risco social que podem levá-los a múltiplas situações de morte. Eles vivem em comunidades empobrecidas onde os seus direitos são violados, esquecidos nas fronteiras invisíveis da atual geografia humana, com escassas ou limitadas possibilidades de acesso à educação, ao cuidado e à proteção da saúde e à alimentação saudável; trata-se de realidades nas quais a possibilidade de emprego é esporádica ou inexistente e onde a ausência de qualidade de vida é um denominador comum.⁸

5 Cf. DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. A PASTORAL JUVENIL *Salesiana. Quadro referencial*, Editrice S.D.B., Roma 2014³, p. 111.

6 FRANCISCO, *Fratelli tutti*, 2; 5; 6; 94; 99; 106; 142; 154; 180; 233; 245.

7 FRANCISCO, *Fratelli tutti*, 11.

8 Cf. CG 28, p. 104, n. 2.

Como aprendemos do espírito de Valdocco, romper o círculo da pobreza envolve acompanhar os jovens no caminho que na linguagem de hoje chamamos de *desenvolvimento humano integral*, segundo a expressão do Papa Francisco. Esse movimento evangelizador das *Obras e dos Serviços Sociais Salesianos*, nascido do coração da Doutrina Social da Igreja, foi o precursor de uma comunidade em movimento, a mesma que se põe em marcha e vai em busca daqueles que são deixados para trás na sociedade, a fim de recuperá-los e restaurar, na medida do possível, a sua dignidade e as suas perspectivas de futuro.

O itinerário que o Projeto Educativo Pastoral Salesiano (PEPS) se prefixa para este ambiente cuida com verdadeiro zelo apostólico da articulação das suas quatro dimensões, de modo que, acompanhando o processo educativo dos jovens em relação à sua família (se a tiverem) e ao seu ambiente, advenha um verdadeiro redesenho da cultura, mitigando as ruínas do mal social presente na sua história pessoal. Em nosso empenho eclesial pela salvação da humanidade, esforçamo-nos para construir processos de reinserção desses jovens, anteriormente deixados à margem, excluídos da sociedade, para devolvê-los a ela como pessoas capazes de desenvolvimento autônomo, como cidadãos ativos e crentes – com absoluto respeito pela sua liberdade.

Assim, ao consolidar em nossa Congregação, com espírito renovado, o ambiente das obras e dos serviços sociais, abre-se uma estrada segura por onde caminhar sem medo, com a identidade salesiana, com a metodologia do desenvolvimento social e com a consciência de ser uma família espiritual que chega até os jovens mais necessitados. É, portanto, um convite a retornar às fontes do carisma e ser mais ousados e misericordiosos, no estilo do Mestre Jesus no Evangelho.⁹

Em sintonia com o itinerário empreendido até agora pela Congregação

Já no Capítulo Geral Especial Salesiano, CG 20, quando a Congregação estava a fazer um excelente trabalho de adequação à renovação exigida pelo Concílio Vaticano II, encontramos páginas que exalam uma grande sensibilidade e preocupação pelos jovens mais pobres e, em particular, por aqueles que vivem as mais duras situações de marginalização causadas por um mundo que muda em grande velocidade

9 Cf. *Linhas programáticas do Reitor-Mor para a Congregação Salesiana após o CG 28*, in ACG 433 (2020), p. 26-29 (prioridade n. 5).

e muitas vezes ultrapassa os mais indefesos nessas mudanças. Uma autêntica prioridade no carisma de Dom Bosco: «O próprio Dom Bosco emprega muitas vezes essa expressão, de modo particular no artigo 1º das Constituições. Há, pois, **uma prioridade na prioridade: a ajuda aos “mais necessitados”**».¹⁰

Em 2010, o Reitor-Mor P. Pascual Chávez dedicou uma das suas cartas à Pastoral Juvenil Salesiana e nela uma das seções é expressão da preocupação com a atenção ao mundo da marginalização juvenil no caminho da Congregação. «A atenção aos jovens em situação de risco foi sempre uma característica da pastoral salesiana. A nova situação das nossas sociedades desafia-nos a respostas novas».¹¹ No mesmo texto, P. Chávez expressava a sua preocupação com a pobreza sempre crescente, tornando-se uma realidade trágica que afeta pessoas e grupos sociais, incluindo muitos jovens, tornando-se um problema estrutural e global. «Por isso, multiplicaram-se nos últimos cinquenta anos projetos, iniciativas e obras que tentam responder a essa situação e oferecer aos jovens uma nova oportunidade de construir sua vida positivamente e inserir-se responsabilmente na sociedade».¹²

A continuidade com esse caminho tomado pela nossa Congregação e os passos dados nos últimos doze anos, a partir dos documentos aos quais me referi, é o que me levou a considerar como oportuno, após o Capítulo Geral 28, voltar o meu olhar para este crescente e cada vez mais significativo campo educativo-pastoral da nossa Congregação. O fato de haver mais de 1.100 (mil e cem!) obras e serviços sociais salesianos específicos, juntamente com o vigoroso magistério do Papa Francisco nos últimos anos sobre o campo dos excluídos, marginalizados e descartados, faz com que, em minha opinião, seja muito oportuna uma reflexão salesiana sobre este atual campo de ação educativo-pastoral.

10 CGE (1971), n. 48.

11 P. CHÁVEZ, «Encheu-se de compaixão por eles, porque eram como ovelhas sem pastor. E começou, então, a ensinar-lhes muitas coisas» (Mc 6, 34) in ACG 407 (2010), p. 40 (página da edição italiana).

12 *Ibid.*, p. 41 (página da edição italiana).

1. ITINERÁRIO EDUCATIVO-PASTORAL DE JESUS À LUZ DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

O nosso patrimônio carismático ensina, desde Dom Bosco, que para o acompanhamento dos jovens é necessário estabelecer itinerários que permitam o encontro entre o educador e o jovem, e entre este e a comunidade educativo-pastoral, onde se encontram a família e os diversos representantes do sistema social.

O “encontro” é precisamente um dos aspectos do Evangelho de Lucas que mais me impressiona. Um encontro que gera alegria e vida, um encontro que cria expectativas, um encontro que leva a sentir a presença e a ação do Espírito de Deus na história de cada pessoa, de cada família, de cada grupo, de cada povo.

O Papa Francisco fala de «cultura do encontro», para que possamos cultivar atitudes misericordiosas em relação aos outros. É «um convite a trabalhar pela “cultura do encontro”, de maneira simples “como fez Jesus”: não só ver, mas olhar; não só ouvir, mas ouvir com atenção; não só cruzar com as pessoas, mas parar diante delas; não só dizer “que pecado cometeram essas pessoas”, mas deixar-se levar pela compaixão; e depois aproximar-se, tocar e dizer, “não chores” e dar ao menos um bocadinho de vida».¹³

No último Capítulo Geral, o CG 28, percebemos, ouvindo os jovens presentes, que eles não nos pediam mais edifícios ou estruturas, mas *apenas* a nossa presença física. Pediram-nos para estar presentes com eles e no meio deles, para compartilhar a vida,¹⁴ para nos encontrar, para nos enriquecer uns com os outros; para estar com eles. Porque são eles que, graças a Deus, dão sentido à nossa vocação e incentivam-nos a descobrir itinerários a percorrer juntos.

Na passagem evangélica da “ressurreição do filho da viúva de Naim”, no capítulo 7º do Evangelho segundo Lucas, descobrimos o que poderia ser entendido como um belo itinerário proposto por Jesus, cheio de compaixão e misericórdia diante da situação da morte de um jovem, da desintegração de uma família, da solidão de uma pobre mãe viúva e da impotência de um grupo social. À luz desse episódio evangélico, podemos interpretar a nossa pastoral juvenil como pasto-

13 FRANCISCO, *Meditação matutina na capela Santa Marta. Por uma cultura do encontro*, Roma, 13 de setembro de 2016.

14 Cf. CG 28, p. 72-73, n. 5.

ral familiar e, ao mesmo tempo, pastoral social, já que o efeito final será o de uma comunidade que gera dinâmicas para que seus membros vivam com dignidade, na liberdade dos filhos de Deus.

1.1. Ir além das fronteiras das culturas desconhecidas

«*Jesus foi a uma cidade chamada Naim*» (Lc 7,11). Jesus vai além das fronteiras geográficas e culturais judaicas do seu tempo. Dessa vez ele vai a Naim, um lugar onde nem mesmo as rotas comerciais da época passavam. Naim é talvez uma região sem esperança. Jesus sai das fronteiras da sua pátria, acompanhado por pessoas que muito provavelmente ignoram o alcance e as razões deste seu caminho.

Essa novidade que irrompe em mudanças e novas formas também está presente na Igreja do nosso tempo, e tem sido intensamente lembrada desde o Concílio Vaticano II e nas últimas décadas. A nossa Congregação, numa tentativa de se renovar e responder aos novos tempos, de sair do seu “território conhecido”, como se fosse para outra Naim, respondeu a esse apelo de renovação, voltando também o seu olhar para os últimos, com um empenho mais decisivo pelos mais necessitados. Já em meados do século passado, em muitas Inspetorias, as obras sociais tornaram-se importantes, fazendo surgir a decisão de responder ao fenômeno da marginalização e da pobreza. Estas propostas diferem do âmbito dos Oratórios, das Escolas e dos Centros de Formação Profissional – todos, sem dúvida, serviços admiráveis para os jovens – para responder com atenção particular e dando prioridade à condição específica dos destinatários. Foram desenvolvidos programas especializados e específicos para oferecer assistência a crianças e jovens de rua, alguns dos quais saídos dos antigos orfanatos; foram abertos centros de saúde para os mais indigentes mesmo em lugares muito remotos; foram criados refeitórios e centros de distribuição de alimentos para ajudar famílias com recursos limitados; a presença missionária entre os povos nativos também criou suas próprias estratégias e ações específicas para melhor acompanhar e servir às comunidades e aos povos mais vulneráveis.

Houve Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora que deram impulso a esse tipo de trabalho com uma visão social. Esses homens cheios de fê, corajosos e “sonhadores”, juntamente com uma multidão inumerável e talvez invisível de leigos – mulheres e homens comprometidos com o enfrentamento da dor dos outros –, ensinaram que aliviar o

sofrimento dos pequenos, dos ignorados, daqueles que não contam, é uma expressão da misericórdia divina e uma concretização do carisma de Dom Bosco e do seu *sistema preventivo*.

Isso nos permitiu, como Congregação, ser cada vez mais *sinais de uma Igreja em saída* para as periferias existenciais da humanidade, onde encontramos aqueles que não se encaixam nas categorias dos sistemas econômicos utilitaristas e de exclusiva vantagem econômica, e onde experimentamos a alegria do encontro com os mais necessitados. Isso, sem dúvida, reforça a nossa identidade carismática e a nossa consciência de servir o Reino de Deus. Sabemos também que alguns deles – Salesianos e leigos – foram até mesmo privados da vida por defender essa causa.

No caminho para Naim, Jesus é ***acompanhado pelos «seus discípulos e por uma grande multidão»*** (Lc 7,11). Os discípulos de Jesus ficaram fascinados por ele, abandonaram a vida precedente e seguiram-no; empenharam as suas forças, o seu coração e todo o seu ser no projeto do Mestre. Foram chamados por Ele pelo nome, convidados a colaborar no anúncio do Evangelho, e seguiram-no.

Jesus é acompanhado também por muitas pessoas fascinadas por algum aspecto da Sua pessoa. Uniram-se a Ele ao longo do caminho, viram as obras admiráveis que realizou: curou alguns, expulsou demônios de outros, a muitos ensinou com autoridade a Palavra do Pai; muitos foram saciados com a multiplicação do alimento, e assim por diante. Essa multidão descobriu o imenso benefício de estar com Jesus. Daqui surgirão, no futuro, novos discípulos – como aqueles 72 que Ele enviará dois a dois.

Outros que fizeram parte dessa multidão deixarão Jesus: alguns partirão com um sentimento de gratidão em seus corações e certamente testemunharão Jesus em outros lugares; outros partirão sem sequer se despedir ou agradecer. Mas todos, em geral, terão sido olhados com misericórdia por Jesus.

Essa é a condição pastoral no trabalho com os mais pobres e abandonados. Numerosas vocações de todos os tipos e para todas as formas de vida cristã surgiram das obras e serviços sociais salesianos. Em muitos dos contextos em que nos vemos a trabalhar, onde outras denominações religiosas além do cristianismo são dominantes, vivemos a alegria de contribuir para a formação de uma bela família humana com aqueles que são acolhidos em nossas presenças – às vezes com suas

famílias – e compartilhamos os muitos valores que vivemos a partir do Evangelho. A linguagem da caridade supera as barreiras das crenças e das estruturas políticas, levando-nos a trabalhar ao lado daqueles que se preocupam em construir a paz.

É necessário reconhecer que a opção pastoral no campo social envolve muitas dificuldades; o esforço para encontrar os recursos humanos e financeiros para apoiá-la é o grande desafio daqueles que realizam esses programas, pois obriga-os a reforçar «a criatividade e o equilíbrio»,¹⁵ qualidades características da vida e da missão do nosso Fundador. Em todo caso, isso é, ao mesmo tempo, imensamente importante e gratificante.

As necessidades dos jovens tocaram profundamente o coração de Dom Bosco, e ele desenvolveu numerosas iniciativas com espírito inventivo e empreendedor. Suas iniciativas proféticas atraíram a atenção e a estima de muitas pessoas dos diferentes estratos sociais da Turim daquele tempo. Ainda hoje, como Salesianos na Igreja, queremos mostrar através da dimensão educativa, evangelizadora e caritativa, tanto em nossas obras e em nossos serviços sociais como nos demais ambientes em que prestamos serviços educativos e pastorais, que o Senhor está presente e todas as nossas atividades são uma expressão do amor de Deus pelos últimos. Uma urgência tão viva hoje como nos tempos de Dom Bosco.

1.2. Portadores e semeadores de esperança em meio a uma cultura de morte

«A esperança é a última de todas as virtudes, mas é a mais forte». ¹⁶ «*Ao chegar perto da porta da cidade*» (Lc 7,12). A narrativa evangélica identifica a ação de Jesus apontando para um lugar concreto: a porta da cidade. Jesus, que foi além das fronteiras da Galileia a terras pagãs para levar a boa-nova do Reino de Deus àqueles que desejam recebê-la, detém-se precisamente à porta da cidade de Naim.

A imagem da porta da cidade permite-nos pensar e tomar consciência daquelas pessoas, grupos ou populações que não estão distantes de Deus apenas por razões geográficas, mas porque foram erguidos muros ao seu redor: muros que condenam sociedades inteiras a ficar

¹⁵ Const. 19.

¹⁶ FRANCISCO, *Ângelus*, 15 de novembro de 2015.

longe do bem-estar social, a fechar-se em si mesmas por causa do status racial, ou mesmo a ficar isoladas em campos de refugiados que servem de muros de contenção contra o avanço daquelas que são consideradas massas migratórias indesejadas. Os muros que circundam essas pessoas são às vezes invisíveis e também podem ser encontrados em nossas cidades. Isso acontece quando classificamos as pessoas de acordo com a pertença social. Obviamente, esses muros não só envolvem aqueles que são “indesejáveis”, mas até os tornam invisíveis com o conseqüente entorpecimento da consciência e da sensibilidade dos demais.

A porta, na narrativa evangélica, é o local de um encontro muito especial. Não é um evento cotidiano que acontece em Naim, mas algo extraordinário e salvífico. É interessante notar como no texto do Evangelho de Lucas confere-se autoridade a Jesus também em Naim, uma cidade desconhecida e pagã. Uma ação, a Sua, feita com o poder mesmo de Deus. Essa manifestação não será um “número circense”, nem a expressão da demagogia vazia de um político do momento. Pelo contrário, será a manifestação mais evidente de um Deus que ama os seus filhos.

«Levavam um defunto a ser sepultado» (Lc 7,12). A imagem que a cena nos oferece tem muito a dizer sobre o nosso carisma salesiano. Vemos, de um lado, um grupo de seguidores que acompanha o Mestre e, de outro lado, à porta da cidade, um grupo de pessoas que caminha em meio a lágrimas e lamentos porque está se despedindo de um jovem morto.

Essa cena continua a ser reproduzida dia após dia. Mostra o encontro da vida que traz esperança e alegria, diante de situações de desespero e morte em todos os cantos da terra.

A proposta salesiana no campo social quer ser um sinal de esperança e vida, capaz de encontrar todos os dias a crueldade esculpida nos rostos tristes de muitos jovens feridos pela miséria, violência, ignorância, exploração e por outros tipos de abusos. As obras e os serviços sociais salesianos visam servir e restaurar a dignidade daqueles que a perderam e, em nome do Senhor, transformar o luto em alegria. É a convicção que acompanha tantos educadores e agentes de pastoral que, diariamente, nas casas salesianas, percebem o que está acontecendo além dos “muros das nossas atividades convencionais”, e se deixam desafiar pelas situações que marcam tantos adolescentes e

jovens, indivíduos e grupos oprimidos, entre os quais as vítimas mais comuns são sempre os mais pequenos.

1.3. O amor de Deus é também materno

O jovem morto era *«filho único de uma viúva; acompanhava-a muita gente da cidade»* (Lc 7,12). Trata-se de uma cena dolorosa, quase cruel. Vemos uma mãe que perdeu o filho amado. Sabemos que não é “natural” no ciclo da vida que um filho morra antes de seus pais. Além disso, esse sofrimento não é uma perda qualquer que possa ser compreendida pela razão. Aqui o evangelista oferece àqueles que sabem fazer da leitura crente da Palavra uma conexão direta com as fibras mais profundas do amor, o amor de Deus que, sendo imensurável, na linguagem humana, é comparável apenas ao amor de uma mãe pelos seus filhos. É assim que Deus ama, com amor paterno e materno. Incondicional. Ao nascer, os cordões umbilicais das crianças são cortados, mas a ligação de uma mãe com seus filhos jamais desaparece. Há filhos e filhas que no decorrer de suas vidas podem esquecer a sua mãe e o seu pai, mas Deus jamais se esquece dos seus filhos.

O Capítulo Geral 27 ofereceu reflexões importantes sobre a paternidade salesiana e lembrou-nos que «o trabalho e a temperança»¹⁷ são para nós Salesianos expressão da nossa dedicação abnegada e amorosa aos jovens. Como aconteceu com Dom Bosco, sentir e saber que somos verdadeiramente “pais” leva-nos a dedicar as nossas melhores energias a eles para que vivam bem e alcancem a realização dos seus objetivos. A partir da compreensão da identidade paterna de Dom Bosco, nós, Salesianos, sentimos a dor de tantos jovens que sofrem; entristece-nos o sofrimento deles porque são nossos filhos. Não é um acaso dizer que Dom Bosco sempre sentiu ser o pai de seus filhos. Ele mesmo expressou-o muitas vezes por escrito.

É necessário e urgente que, como religiosos, descubramos cada vez mais que a nossa castidade é fecunda e deve gerar vida no cuidado daqueles a quem somos enviados, especialmente aqueles que não têm ninguém para cuidar deles. Neste sentido, uma das mais belas lições a aprender dos leigos que atuam em nossas obras e que muitas vezes são pais e mães de família é a sensibilidade especial que muitos deles têm pelas situações injustas que agridem muitas de nossas crianças e

17 Const. 18.

dos nossos adolescentes e jovens. Nós, Salesianos, não podemos viver sem nos sentirmos educadores, amigos, irmãos e pais dos nossos jovens. E é claro que um dos lugares mais oportunos para fortalecer essa dimensão da nossa vocação é o trabalho com jovens em alto risco social, aqueles que caminham “entre a vida e a morte”.

«A experiência do vazio paterno vivido por Dom Bosco, “fará com que ele tome consciência das dificuldades dos seus jovens, da qualidade humana e espiritual que ele mesmo deverá adquirir para ser pai de muitos que não têm pai, que verão nele aquele que lhes ensinará o gosto pela vida em todos os sentidos da palavra”. Assim, o vazio tornou-se um útero fértil em vez de um trauma. A sua experiência familiar deixou uma marca indelével na sua visão de vida e na sua ideia de educação e evangelização dos jovens».¹⁸

Conscientes de sermos educadores e pais, Salesianos e leigos, podemos aprender a conhecer os jovens em seu mundo, em seu ambiente, em sua cultura digital, que vai se tornando cada vez mais complexa e escapa um pouco (ou muito) das nossas mãos de adultos. Eles, às vezes com a sua vulnerabilidade, encontram-se nas redes sociais de chamadas de vídeo e mensagens instantâneas, frequentam espaços de passatempo como Triller, Houseparty, TikTok, Genies, Lomotif, Bunch, Discord, WhatsApp, Telegram etc. Nessas plataformas virtuais de encontro e entretenimento, muitos deles expressam suas emoções, exibem-se ao mundo e compartilham suas vidas cotidianas tentando atrair a atenção de novos amigos. À luz dessa realidade, é importante enfatizar que adolescentes e jovens desacompanhados frequentemente se tornam vítimas não só do vício da mídia, mas também de muitos criminosos que os contatam através desses meios de comunicação, os exploram e escravizam em várias formas de comércio ilegal. Muitos menores, em busca de dinheiro fácil, caem vítimas dessas situações. Muitos deles não têm espaços educativos adequados na família ou na escola e vivem múltiplas situações de orfandade e violação de seus direitos que os privaram do bem-estar social. A dor e a tragédia desses jovens não podem deixar-nos indiferentes.

Como Salesiano, acredito ter sido sensível e atento até hoje à realidade da exploração juvenil e, como Reitor-Mor, promovi a abertu-

18 DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL SALESIANA, *Pastoral juvenil e família*, Editrice S.D.B., Roma 2021, p. 20.

ra das nossas comunidades à presença dos jovens que mais precisam de nós, convencido também de que eles nos dão a possibilidade de exercer uma verdadeira paternidade como Dom Bosco, e de ter preocupações verdadeiramente profundas pelas quais “consumir” a nossa vida.¹⁹ Estou certo de que as Inspetorias que optaram seriamente por trabalhar com os jovens mais frágeis, aqueles mais carentes de apoio, estão se movendo para fortalecer a sua identidade e garantir a sua significatividade. Os jovens Salesianos também devem aprender a ser educadores, irmãos e pais dos jovens para continuar a garantir que o carisma de Dom Bosco, pai da juventude, seja realizado em nossa Congregação. Ao lado dos leigos, um olhar atento sobre os contextos atuais ajuda-nos a discernir as formas de assistência que podemos oferecer para garantir aos jovens viverem experiências que os façam sentir o amor de uma família.

A história narrada na passagem da viúva de Naim apresenta-nos a situação dramática de uma mãe que perdeu o filho e que também era viúva, já tendo perdido o marido. Ela não podia contar com o apoio social de um homem para protegê-la, numa cultura em que as mulheres não tinham autonomia como cidadãs. A mulher não podia sequer chegar à velhice no seio de uma família, não podia chegar ao fim de sua vida recebendo o amor de um filho, não podia aspirar a uma morte digna. O sistema social da época (e a própria lei mosaica) determinava responsabilidades recíprocas nas famílias, com os mais fortes cuidando dos mais fracos. Os pais cuidavam dos filhos e os filhos, enquanto cresciam, cuidavam dos pais em idade avançada; essa era a base social do quarto mandamento «honra teu pai e tua mãe», que respondia ao ciclo da vida. Vemos no texto evangélico que Lucas, em tão poucas linhas, narra o drama da desintegração de uma família e nos dá um vislumbre das consequências sociais. O pai tinha morrido fora da cena; o filho estava morto e, como resultado, a mãe ficara sozinha e desprotegida. Jesus sabia bem o que poderia ter acontecido com essa viúva.

Em nosso caso, a opção preferencial pelos jovens mais pobres significa que devemos olhar necessariamente para os diversos ambientes dos quais eles provêm. O foco desses trabalhos e serviços é, então, social e requer uma reflexão e intervenção interdisciplinar que proponha itinerários de acompanhamento para o jovem, sua família (quando a tiver) e

19 Cf. *Linhas programáticas do Reitor-Mor para a Congregação Salesiana após o CG 28*, in ACG 433 (2020), p. 26-29 (prioridade n. 5).

o seu núcleo social. Isso diz que as situações de pobreza, onde quer que elas surjam, devem ser analisadas com seriedade e profundidade.

É evidente que devemos ter tanta preparação e competência no acompanhamento de pessoas e comunidades em situações de vulnerabilidade quanto nas outras áreas “comuns e tradicionais” da nossa pastoral, preocupando-nos em responder a várias necessidades com ofertas profissionais e de qualidade. Caridade e qualidade devem andar de mãos dadas ao planejar obras e serviços sociais para jovens em situação de risco, porque se não tivermos clareza sobre isso, corremos o risco de ser insignificantes diante da violação dos direitos dessas pessoas.

1.4. Um itinerário educativo

Jesus não dá respostas superficiais à situação que encontra em Naim, mas cada palavra que sai da sua boca, cada gesto e cada movimento tem um significado e uma intenção precisos, como vemos na narrativa de Lucas.

a. «Vendo-a o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: “não chores”» (Lc 7,13).

Onde Jesus está presente, tudo é permeado pelo seu amor: ele não pode passar pela vida das pessoas sem mudar nelas as coisas de modo radical.

Estudos bíblicos sérios concordam que o adjetivo mais frequentemente usado nas Sagradas Escrituras para descrever Deus – o atributo que melhor indica Sua maneira de agir – é “misericórdia”. Jesus, com a mesma misericórdia do Pai, que criou todas as coisas e cada pessoa com terno amor, ama cada pessoa, porque cada pessoa é uma parte do seu plano de salvação. Quando Jesus “vê”, percebe o mal que causa dor à pobre mãe viúva; e é ela, a viúva, por quem Jesus sente misericórdia, dando início à ação sucessiva.

Jesus não se faz esperar e diz-lhe: «Não chores». Como é possível para um estranho dizer a uma mãe para não chorar pelo filho que acabou de perder? Jesus diz à mulher «não chores» porque sente, em união com o Pai, que pode transformar essa tristeza em alegria e contentamento. Suas palavras não são um consolo vazio. Ele age, inter-vém porque o sofrimento humano deve ser acompanhado e consolado.

Como é importante para nós experimentar essa mesma misericórdia divina, deixar-nos desafiar pelos males que afligem tantas pessoas em todas as partes! Dificilmente esse questionamento entrará em nossas vidas como homens e mulheres consagrados se permanecermos abrigados no interior das paredes seguras de nossas casas, esperando que os bons jovens venham inscrever-se em nossas iniciativas ou participar delas. À maneira de Jesus, o Papa Francisco lembra-nos o dever que temos de sair ao encontro do outro para fazer comunhão, para provocar mudanças sociais que nos permitam participar da comunidade viva do Senhor.

b. «Aproximando-se, tocou no esquite, e os que o levavam pararam. Disse Jesus: “Jovem, eu te ordeno, levanta-te!”» (Lc 7,14)

Jesus aproxima-se, não permanece distante, não fica tranquilo na atmosfera confortável do seu grupo de seguidores e discípulos. Ele sabe qual é a sua missão e porque foi enviado ao mundo. A proximidade permite-lhe entrar em relação, deixar-se questionar pelos outros, conhecer a sua realidade e amá-los como são. A ação de Jesus requer presença e decisão.

Ir ao encontro de um jovem que está numa situação de morte é um ato audacioso e corajoso; a única certeza está no conhecimento de que há um jovem ali e que vale a pena estar ao seu lado e fazer alguma coisa por ele.

Jesus dá outro passo. Vai mais longe. Como fez com a mãe viúva, Jesus não se limita a observar o que está acontecendo, mas entra em comunhão com o jovem: Ele «*tocou no esquite*». Não há vida sem comunhão com o Mestre. O toque de Jesus não é indiferente. De fato, sua mão toca no esquite e nesse contato recíproco transmite, faz passar o dom da vida.

Em nosso caso, habitar a cultura dos jovens significa estar atentos aos elementos de morte que os cercam, mas, acima de tudo, saber o que gera vida.

Na experiência de encontrar jovens em risco, o apoio e a oferta de ajuda são uma experiência salvífica tanto para o jovem quanto para o educador – leigo ou religioso – que se sente cada vez mais tocado, comprometido e envolvido na existência do outro, onde parecia haver apenas morte ou nenhuma esperança.

É claro que o processo de mudança de um jovem na dinâmica cotidiana das obras e dos serviços sociais salesianos é lento e difícil: às vezes, o desânimo pode aparecer naqueles que todos os dias investem o máximo das suas energias; mas também é verdade que observar a mu-

dança que Deus opera na vida desses jovens e dessas jovens é a maior recompensa que se pode experimentar como educador salesiano.

Então, segundo o texto do evangelho, Jesus diz: “*Jovem, eu te ordeno, levanta-te*”. Novamente, quando Jesus fala, gera vida. O seu é um falar e um dizer com autoridade, é um imperativo que, no entanto, é dado de forma amorosa, com a oferta da sua mão ao jovem para que possa levantar-se, para que possa ressuscitar.

Esse solene processo, que visa restituir à vida tantos jovens que estão a morrer em todo o mundo, é realizado em nossa Congregação, em nome do Senhor, por milhares de pessoas apaixonadas pela humanidade que, orgulhosas de trabalhar no setor social salesiano, continuam a pensar em itinerários formativos que ajudem os jovens a consolidar a própria personalidade e tomar consciência da sua situação e realidade.

Dom Bosco continua a aproximar-se de muitos jovens, continua a estender a sua mão e a oferecer oportunidades de “ressurreição”, e ele o faz através dos muitos leigos que colaboram e apoiam com os seus bens as obras e os serviços sociais. E o faz com as muitas Mamães Margaridas representadas pelos educadores de todos os tipos, âmbitos e disciplinas, que intervêm nos nossos projetos de acompanhamento de jovens de alto risco; e o faz através da resposta de muitos Salesianos que encontraram no trabalho pastoral e na educação social a possibilidade concreta de expressar a própria vocação;²⁰ e continua a fazê-lo também através das muitas “redes de colaboração” que os seus filhos e filhas tecem pelo bem dos outros. Jesus continua hoje a dizer a muitos: “*Jovem, eu te ordeno, levanta-te!*”.

c. «Sentou-se o que estivera morto e começou a falar, e Jesus entregou-o a sua mãe» (Lc 7,15).

Estamos a testemunhar a ressurreição do jovem, uma ressurreição que, como mencionado, não é um ato mágico, mas uma ação misericordiosa em nome de Deus.

O jovem toma consciência de si e assim se torna capaz de relacionar-se com os outros: «*e começou a falar*». Se falar é uma expressão de vida, podemos entender que não falar, a falta de comunicação, é uma expressão de morte. Muitos jovens vivem em situações de morte

20 Cf. CG 28, p. 74-75, n. 8.

porque se romperam os canais de comunicação com seus pais, com a família e com suas raízes. Desde que haja comunicação entre as pessoas, é possível acompanhá-las em seu caminho para a vida. Jesus, ao aproximar-se do jovem e tocar a sua realidade de morte, também sabe qual é a sua possibilidade de vida.

Jesus estancou realmente as lágrimas da mulher, porque pôs um fim à situação que as tinha provocado.

Se o jovem cresce, a família é restabelecida; ao restabelecer os laços de comunicação entre mãe e filho, o caminho para o cemitério não tem mais sentido e é reaberto o caminho para casa.

«*Entregou-o a sua mãe*»: o jovem pode continuar a crescer, amadurecer e ocupar o seu lugar de adulto na sociedade. Uma sociedade que não permitirá mais que uma viúva indefesa seja deixada sozinha a mendigar. Não! porque haverá um filho que cuidará dela, que lhe garantirá uma velhice digna. Dessa forma, a ordem social também será salvaguardada.

Eis o grande milagre dessa história de ressurreição: a presença de um Deus que acompanha o seu povo, que devolve a esperança e a vida às pessoas e gera a unidade nas famílias e na sociedade.

Como Congregação Salesiana, testemunhamos diariamente que o Senhor continua a ressuscitar milhares de jovens e suas famílias. Nos diversos ambientes em que acompanhamos os jovens, temos a grande missão de conhecer e habitar a cultura dos jovens, especialmente daqueles que vivem em situações difíceis que colocam em risco o seu desenvolvimento pessoal. Consequentemente, **é evidente que a nossa opção social salesiana é transversal a todos os ambientes pastorais.** Orientar os nossos PEPS para essa opção e oferecer serviços ou programas que abram as portas aos menos favorecidos com um critério oratoriano²¹ ajuda as nossas CEPs a não se perderem na monotonia e na indiferença, tornando-se cúmplices das diversas formas de injustiça sofridas por tantas pessoas. Essa nossa opção torna as comunidades salesianas autenticamente salvíficas.

Na mesma linha, mas com um PEPS específico,²² o ambiente das obras e dos serviços sociais salesianos responde às situações do mal

21 Cf. CG 28, p. 79, n. 13e.

22 Cf. CG 27, n. 78.

social que colocam os jovens em risco, violam os seus direitos e os de suas comunidades, marginalizando-os da sociedade. O impacto do ambiente salesiano favorece a reinserção tempestiva de adolescentes e jovens em suas famílias e em seu ambiente, com metodologias próprias que visam restaurar os direitos violados, curar as diversas feridas que dilaceraram a vida de cada um e aumentar as competências que lhes garantem o pleno uso da sua liberdade, dando-lhes pleno sentido. É o milagre de trazer os jovens de volta à vida, o que acontece na medida em que somos capazes de praticar o sistema preventivo.

Tudo isso nos leva a empenhar-nos cada vez mais em processos de educação e evangelização mediante a resposta social das nossas presenças, que adotam múltiplas figuras jurídicas de reconhecimento civil ou eclesiástico como requisito para poder oferecer os seus serviços nos diversos países de modo profissional e transparente.

O nosso rosto nesse setor é, portanto, o das associações, cooperativas, organizações não governamentais (ONGs), empresas autônomas de ajuda humanitária, acordos mistos para a oferta concordada de serviços especializados, centros sociais que prestam serviços psicossociais e de saúde em geral, e que são também agências de emprego etc. Como em outros setores da nossa pastoral juvenil, o que nos distingue de outras organizações similares é o seguinte: nós, Salesianos, evangelizamos através da prestação de serviços sociais, oferecendo a todos uma busca de sentido e uma abertura à transcendência, respeitando, ao mesmo tempo, a liberdade de cada indivíduo.

Para responder a essas necessidades, Dom Bosco criou uma Congregação no tempo em que as ordens religiosas estavam sendo expulsas do Piemonte. Diante da sociedade civil, de fato, a Congregação apareceu como uma associação de cidadãos com a finalidade de fazer o bem. Assim, ele foi o primeiro na Igreja a fundar uma Pia Sociedade e uma Obra de Homens de Deus. Essa dupla dimensão continua a enriquecer as nossas obras e os nossos serviços sociais e, ao mesmo tempo, confere-lhes uma identidade carismática original e específica.

1.5. Difundir a boa-nova

Sabemos que o Reino de Deus cresce no meio do mundo de forma silenciosa e discreta e que fazemos parte de uma Igreja que trabalha generosamente pelo bem do povo. É nesse contexto que, fiel ao carisma de Dom Bosco, o ambiente das obras e serviços sociais da Con-

gregação foi criado e fortalecido nas diversas Inspetorias. Com essa mesma atitude de grata humildade, mas convencidos de que estamos a assistir um momento da história que requer o testemunho da caridade, é urgente desenvolvermos cada vez mais a capacidade de comunicação para dar visibilidade, num exercício de transparência, às nossas ações e ao bem que está sendo feito e contemos para o mundo os frutos humanos do trabalho que fazemos.

Causa admiração que Jesus não peça em Naim para ficar sozinho com o esquife para operar a ressurreição, nem o faz na privacidade da família do jovem. A ação é realizada diante dos olhos de todos. Ele comunica a todos o poder do amor de Deus, sem discriminar ninguém. Isso fez com que as testemunhas contassem em toda parte o que tinham testemunhado; elas mesmas foram as propagadoras da boa-nova, e *«a sua fama se espalhou por toda a Judéia e em toda a região»* (Lc 7,17).

O Reino de Deus produz mudanças radicais naqueles a quem é anunciado, e Jesus, nesse evento em Naim, não impõe silêncio ou impede que outros o anunciem. Além disso, nos versículos seguintes, o próprio Mestre dirá: *«Ide anunciar a João o que tendes visto e ouvido: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, aos pobres é anunciada a boa-nova»* (Lc 7,22). Compartilhar a fé resulta do caminhar com Jesus; celebrá-la expressa a alegria de pertencer ao grupo que caminha com ele; e buscar a justiça social é um dos compromissos mais importantes de uma Igreja que abraça os ensinamentos do seu Mestre.

O Papa Francisco em suas duas encíclicas sociais, *Laudato si'* e *Fratelli tutti*, ensina que a contribuição de toda a Igreja para o desenvolvimento humano é integral; que trabalhar pela justiça e pela paz também requer o cuidado da criação, que é a nossa casa comum. Da mesma forma, a nossa ação pastoral salesiana em cada comunidade local e em cada Inspetoria é chamada a ser uma ação pastoral integral que se dirige preferencialmente aos jovens, mesmo que não se limite a eles. Para realmente ajudá-los, devemos olhar para suas famílias (de novo, se as tiverem) e seus grupos sociais.

O desenvolvimento humano integral também é voltado a estabelecer um diálogo com as outras religiões, com os governos, com as instituições sociais e com todos os homens e mulheres de boa vontade que unem seus esforços em defesa da dignidade humana. Como Salesianos, participamos da construção da *amizade social*, expressando-a

abertamente e com métodos concretos de intervenção através do ambiente das obras e dos serviços sociais. Esse ambiente não é novo em nosso carisma, pois corresponde à inspiração fundadora, e é por isso que convidamos todos os irmãos, os Inspetores e seus Conselhos, os Diretores e suas Comunidades, assim como as comunidades educativo-pastorais, a ser corajosos e ouvir o grito dos jovens – grito provocado pelo pecado social – e, portanto, a oferecer propostas que respondam a esse dano estrutural da cultura atual. Para isso, devemos «ver o outro» e sentir compaixão por ele; só então encontraremos uma saída e veremos como alocar os recursos humanos e financeiros que garantirão a realização de itinerários sólidos de acompanhamento para os jovens e comunidades em situação de risco.

«Os excluídos são a maioria do planeta, milhares de milhões de pessoas. Hoje são mencionados nos debates políticos e econômicos internacionais, mas com frequência parece que os seus problemas se colocam como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, quando não são considerados meros danos colaterais».²³

Esse é um convite dirigido também a nós, religiosos Salesianos, para aprendermos a ser muito livres e sóbrios, a não nos acomodarmos e a respondermos às circunstâncias adversas da vida. Também devemos aprender a traduzir as nossas linguagens religiosas às das sociedades civis e nos empenharmos nos diálogos necessários. É, portanto, um apelo para que na opção carismática pelo ambiente das Obras e dos serviços sociais avancemos para uma convergência de critérios que, respeitando a experiência e o trabalho de toda presença salesiana no mundo, salvguarde a nossa identidade evangelizadora e carismática, para contar ao mundo, com humildade, simplicidade e transparência, o impacto da nossa presença no setor social como resposta ao amor de Jesus.²⁴

2. A OPÇÃO PELOS MAIS POBRES²⁵

Com a linguagem e as metodologias do seu tempo, Dom Bosco propôs uma nova maneira de cuidar dos adolescentes e jovens. Foi

23 Cf. FRANCISCO, *Laudato si'*, n. 49.

24 Cf. FRANCISCO, *Fratelli tutti*, n. 95.

25 *Linhas programáticas do Reitor-Mor para a Congregação Salesiana após o CG 28*, in ACG 433 (2020), p. 26-29 (prioridade n. 5).

precisamente a opção em favor dos mais pobres que orientou toda a sua ação e a consequente consolidação e expansão da Congregação Salesiana, uma Congregação que ele mesmo fundou, acompanhado por alguns jovens que viveram e aprenderam em Valdocco o que era conhecer e amar Jesus e querer servir os jovens que encontraram naquela mesma casa. Isso os levará a amadurecer e sonhar “o próprio projeto de vida” (com palavras de hoje), a serviço da missão da qual eles foram o fruto. Estar com os pobres é fruto da própria convicção de Dom Bosco, mantida fielmente por ele ao longo da vida.

Os jovens que vinham ao Oratório de Valdocco sentiam-se verdadeiramente em casa, porque havia espaço para todos, sem exceção ou discriminação. Eles chegavam com sonhos, alegrias, frustrações, tristezas e, muitos deles, vítimas das numerosas formas nocivas de pobreza social. Todos eles encontraram uma chance de iniciar ou retomar um caminho que lhes garantisse uma vida digna e um futuro ao qual teriam acesso para alcançar os seus objetivos. Em seu relacionamento direto com cada um deles, Dom Bosco deixou que o seu coração fosse plasmado como educador de pastores, e deixou essa característica como herança para os seus filhos, de modo que em qualquer parte do mundo e em qualquer momento da história, a pobreza deles leve-os a continuar a sentir a necessidade de serem pais, educadores, irmãos e amigos. É a nossa atitude de fé que nos leva a acompanhar os adolescentes e jovens nas situações difíceis em que vivem. Mais do que responder à emergência cultural dos tempos que temos à frente, tentamos caminhar com os jovens por um caminho que lhes dê dignidade e novas oportunidades.

As nossas Constituições sintetizam a nossa opção pelos jovens mais pobres²⁶ e indicam-nos o caminho a seguir para nos santificarmos juntamente com todos os membros da CEP: ela é o lugar onde Deus nos pede para estarmos presentes em espírito de família, acompanhando-os em sua vida cotidiana. A capacidade de ser um «magnífico laboratório de experiências juvenis» que caracterizava o *sistema preventivo* de Dom Bosco, por ele vivido e aplicado, deu origem ao longo do tempo ao rico patrimônio que alimenta a vida pastoral das Inspetorias e foi cuidadosamente recolhido no âmbito da Pastoral Juvenil Salesiana.

A capacidade de ser um «magnífico laboratório de experiências juvenis» que caracterizava o *sistema preventivo* de Dom Bosco, que ele

26 Cf. *Const.* 6; 26; 29 e 41.

viveu e aplicou, deu origem ao longo do tempo a um rico patrimônio que alimenta a vida pastoral das Inspetorias e foi atentamente recolhido no *Quadro referencial da Pastoral Juvenil Salesiana*.

2.1. Com uma pastoral juvenil para a libertação e a reinserção de obras e serviços educativos

Acredito concordarmos que a tarefa educativa com os adolescentes e jovens deve gerar vida, abrir à vida e formar para a vida. Em muitas circunstâncias e lugares será necessário oferecer aos jovens a oportunidade de se reintegrarem ao núcleo de onde foram expulsos ou de onde precisaram fugir. Uma das muitas formas de reinserção tem sido favorecer ambientes específicos que afastem os jovens da situação de risco ou do próprio fato da violação dos seus direitos. Em outros casos, a tarefa da reinserção concentrou-se na construção da coesão social, procurando educar para a superação da rejeição e da exclusão, da xenofobia e do racismo, e até mesmo das barreiras linguísticas e da falta de formação profissional que preparasse para o trabalho.

Os currículos sociais assim concebidos vão além das estruturas acadêmicas tradicionais e também devem concentrar-se na salvaguarda dos direitos das pessoas, na busca da sua estabilidade emotiva, física e espiritual, na possibilidade de torná-las autônomas através da formação das competências sociais que serão indispensáveis em sua relação com o mundo e em sua inserção no mercado de trabalho.

Em muitos contextos, devido à sua especial legislação, o momento de intervenção com os jovens em alto risco social é uma variável que nos leva a ser criativos e ter a capacidade de estabelecer alianças a fim de realizar a nossa tarefa de forma eficaz, minimizando toda situação que possa violar novamente a sua dignidade. Por isso, a ação educativa no setor social é ampla e variada e, além do fato de a opção social ter que ser transversal em todos os nossos ambientes pastorais, reconhecemos as obras e serviços sociais salesianos como um ambiente específico para a prestação de serviços educativo-pastorais que podem ser concebidos de diversas formas tanto no Projeto Orgânico Inspetorial (POI) quanto no PEPS.²⁷

A título de exemplo:

²⁷ Cf. CG 28, p. 112, n. 45g.

a. Programas sociais associados à presença de outros ambientes pastorais.

Existem em muitas Inspetorias serviços educativo-sociais que funcionam nas mesmas estruturas de outros ambientes pastorais ou que são uma resposta à projeção social de uma obra específica.

Em alguns desses casos, a ideia é educar as pessoas para viverem seus tempos de lazer ou oferecer complementos acadêmicos e laboratórios de formação artística ou esportiva para a promoção da convivência civilizada, entre outros.

Essas são formas muito eficazes nas quais as nossas presenças abrem suas portas aos bairros em que estão localizadas levando-as a participar da vida local, tornando-nos próximos das situações reais das famílias e permitindo-nos conhecer a realidade por vezes muito dura dos jovens e das jovens.

Em outros lugares, esse serviço expandiu-se através das paróquias, dos centros juvenis e oratórios, onde cresceu a sensibilidade para a inclusão de pessoas com alguma deficiência, crianças com dificuldades de aprendizagem, ajuda para a promoção da mulher, auxílio às famílias, encontros multiculturais e plurirreligiosos e a cultura da não violência.

Em alguns países, os Inspetores motivam e garantem as condições para que os Salesianos tenham a oportunidade de integrar-se nos serviços sociais; em outros, ainda está pendente a questão da “conversão pastoral”, que motiva alguns irmãos a quererem viver e servir nessas periferias. É importante que os Consagrados Salesianos se envolvam nesses programas, porque fazem parte da opção preferencial da nossa missão e, por isso, não podemos abandoná-la nem deixar os leigos – que às vezes sentem e denunciam a ausência dos religiosos – sozinhos. Esse desequilíbrio compromete a própria missão salesiana no campo do serviço social. Juntos somos chamados a reviver, recriar e às vezes até refundar o espírito de Valdocco, numa atmosfera de confiança recíproca, já que cada um é convidado a contribuir com a própria especificidade. As vezes isso pode ser um verdadeiro retorno às origens.

b. Presenças com dedicação exclusiva ao ambiente das obras e dos serviços sociais

Há muitas Inspetorias com presenças salesianas cuja dedicação à missão no setor social é absoluta. Devido ao impacto das institui-

ções desse setor, as obras sociais salesianas constituem um ambiente distinto, pois há uma série de fatores carismáticos, requisitos legais e regulamentares aos quais devem responder dando-lhes identidade e dinamismo próprios. É cada vez mais comum que esse ambiente seja descrito e especificado nos projetos orgânicos inspetoriais, com opções e critérios claros para o seu desenvolvimento na vida da Inspeção. Temos em nossa Congregação obras sociais simples e outras mais complexas, quer devido ao número de programas e serviços que oferecem, quer pela sua articulação e conexão com outros ambientes.

Como em todo processo de crescimento e amadurecimento das instituições, é necessário planejar o futuro dessas obras, mas sempre garantindo que respondam com qualidade e dignidade às necessidades dos beneficiários. É necessário superar a mentalidade, ainda persistente em algumas Inspeções, que faz com que haja uma disparidade e uma diferença entre os edifícios, equipamentos e perfis dos educadores e agentes das Obras que atendem aos jovens que vivem sem privações econômicas e os que atendem aos mais pobres. Isso perpetua a diferença entre quem tem mais oportunidades e os que são menos favorecidos e, para sermos fiéis ao Senhor Jesus e a Dom Bosco, não podemos permiti-lo, porque os pobres merecem o melhor de nós — como aprendemos de Dom Bosco.

As situações em que os desfavorecidos se encontram nunca devem nos assustar. Pelo contrário, toda vez que nós, como Salesianos, encontramos esses jovens, devemos ficar entusiasmados em acompanhá-los em seu processo de preparação para a vida. Daí a necessidade de sermos muito profissionais nos processos formativos que lhes oferecemos, porque cada jovem é um projeto de Deus que temos a responsabilidade de acompanhar.

Nossa força como Salesianos está em nos deixarmos ajudar e também aprender com os outros. Sozinhos não podemos fazer o bem. Por isso, no ambiente das obras sociais, precisamos envolver um grande número de pessoas idôneas, formadas nas diversas áreas do conhecimento e das disciplinas que possam iluminar a reflexão e a ação a realizar em favor desses jovens e das comunidades que acompanham. Por outro lado, na animação e governo corresponsável das nossas obras, precisamos gerar os mecanismos necessários para que o processo decisório seja também compartilhado com os leigos e seja estabelecida uma cultura de avaliação dos processos.

Naturalmente, a questão da rentabilidade e sustentabilidade econômica deste tipo de atividade é sempre uma preocupação. Para garanti-las, recorreremos à nossa inteligência pastoral e à capacidade de estabelecer acordos com governos, administrações regionais ou locais, associações ou organizações privadas que trabalham na cooperação para o desenvolvimento, tanto em nível nacional como internacional. O que jamais devemos esquecer é de quem somos filhos e qual proteção temos quando trabalhamos com os seus prediletos.

Um critério muito importante a ser considerado nesse momento é a questão de com quem estabelecer parcerias, para que, na busca de recursos financeiros, não nos deixemos forçar a ações que corram o risco de vender a nossa identidade. Devo dizer que a nossa intenção evangelizadora em obras e serviços sociais é inegociável. Portanto, a grandeza desse ambiente está em que com nossas ações no meio das comunidades mais desfavorecidas semeamos as sementes do Reino, mesmo em contextos religiosos não cristãos, e sempre no respeito e na liberdade dos outros, mas sem perder uma migalha da nossa identidade cristã e salesiana.

2.2. Cuidado pastoral e acompanhamento com animadores idôneos e preparados

Todo programa, todo serviço e toda obra social da nossa Congregação mostra que nas diversas Inspetorias e CEPs, consagrados e leigos vivem uma grande abertura de coração ao se sentirem enviados aos jovens em situação de risco; refletem sobre as melhores estratégias a seguir para propor os itinerários de acompanhamento relevantes para eles e tomam as decisões adequadas para garantir a continuidade exigida pelos projetos. Trata-se de uma ação corajosa, pois não é fácil levar adiante iniciativas que defendem quem “cria problemas e incômodos”.

Nesse ponto, gostaria de expressar um merecido reconhecimento aos muitos leigos, homens e mulheres, que trabalham em vários níveis das nossas obras e serviços sociais, tanto como educadores ou pessoal de serviço quanto como especialistas nos vários setores (pedagogos sociais e especialistas em reeducação, assistentes sociais, psicólogos, especialistas em saúde, professores de escolas e instrutores de oficinas, adidos à colocação no trabalho, pessoal de gestão e administração, diretores). A todos vós, eu digo: Obrigado, em nome do nosso Pai Dom

Bosco, pelo vosso valioso trabalho, porque através da contribuição de cada um de vós as crianças, adolescentes e jovens, e as comunidades e bairros onde os direitos são violados, encontram verdadeiros pais e mães que se preocupam com eles e que os fazem sentir a predileção de Deus.

Sei que muitos de vós vivem a própria profissão com profunda paixão a ponto de assumi-la como verdadeira vocação. Isso vos torna verdadeiros apóstolos do Evangelho. Muitos de vós, em muitos países do mundo, provêm de culturas e tradições religiosas próprias dos vossos contextos, e isso nos torna ainda mais próximos, pois é com base nos valores que compartilhamos que nos reconhecemos como membros da mesma família nascida em Valdocco.

Sei que vós, queridos leigos, no final dos vossos dias intensos, retornais para casa a fim de continuar o trabalho das vossas amadas famílias e que muitas vezes sacrificais parte do vosso tempo pessoal para responder ao apelo dos jovens da Obra salesiana.

Também sei que, em algumas ocasiões, alguns de vós viveram momentos de incompreensão.

Encorajo-vos a ir adiante, sabendo que na certeza da vocação que recebestes sempre encontrareis a força para um diálogo sincero que vos ajudará a crescer e amadurecer. Obrigado pela vossa vida, pela vossa amizade e pelo vosso acompanhamento dos jovens, da CEP e de nós, Salesianos.

E um profundo reconhecimento também aos meus queridos Salesianos Coadjuutores e Sacerdotes que, com imensa caridade pastoral, se entregaram ou continuam a entregar-se, a serviço dos mais pobres.

Em obediência silenciosa, muitos dos meus irmãos se santificaram e comunicaram a graça de Deus aos que sofrem, aos mais aflitos e necessitados, ajudando-os, permanecendo ao lado deles, aconselhando-os, oferecendo-lhes novas possibilidades às quais dirigir o olhar. Muitos enfrentaram incompreensões, porque nem sempre e nem em todos os lugares estivemos preparados para compreender as propostas educativas e sociais. Muitos Salesianos encontram na metodologia das obras e dos serviços sociais uma dinâmica vibrante do nosso carisma, pois são espaços que se afastam da rigidez, oferecendo frescor e lançando em missões pastorais ousadas.

Peço ao Senhor a graça de que muitos jovens Salesianos, desde as casas de formação, possam entusiasmar-se pelos apostolados em contato com as ruas e os ambientes deprimidos onde, como aconteceu com o jovem padre João Bosco, possam comover-se com as situações de degradação humana e encontrar a felicidade na amizade e convivência com esses jovens.

Graças a Deus, há hoje muitos irmãos que orientam o seu projeto de vida vocacional ao trabalho nesses ambientes que nos permitem ver a face do Senhor Ressuscitado sem nenhum véu. Continua a ser um desafio aos nossos processos de formação inicial, específica e permanente oferecer instrumentos que permitam aos Salesianos conhecer e amar a dimensão social da nossa presença, a fim de sermos competentes nesse campo e, assim, propor com qualidade a ação pastoral que ela requer.

2.3. Uma pastoral que leve a família em consideração

A família é o lar natural de todo ser humano. É na família que se aprende a ser pessoa e cidadão. Muitos dos dramas vividos pelos adolescentes e jovens dos serviços sociais têm sua origem na própria situação familiar.

Existem famílias harmoniosas, estáveis, acolhedoras e atentas ao bem-estar de cada um dos seus membros, mas também existem famílias que, diante dos problemas de um de seus filhos, não têm capacidade nem recursos para facilitar o processo de cura e reintegração. Algumas dessas situações são, por exemplo, uso de drogas, envolvimento em grupos criminosos ou violentos, ameaças à integridade pessoal da parte de terceiros ou processos judiciais.²⁸ Em alguns casos, as famílias são vítimas de causas externas que as separam, e os filhos ficam sem ligações e vínculos de apoio, como no caso das regiões onde há situações de guerra, deslocamento forçado devido à violência, desastres naturais e, em particular, todos os tipos de migração. O fenômeno da pobreza, combinado com a instabilidade emotiva de alguns pais, leva-os a ter problemas de comportamento que muitas vezes afetam os filhos. A família torna-se disfuncional e acaba sendo um ambiente adverso e até mesmo abusivo.

28 Cf. CG 28, p. 69-70, n. 2.

«A realidade tornou-se muito complexa, tanto que hoje não se pode falar de família no singular, mas no plural. Não há família, mas famílias. Apesar das múltiplas configurações familiares, podemos dizer que as relações familiares são um componente vital, pois são a porta de entrada para a construção e o desenvolvimento da personalidade. A família é o ponto de encontro da diversidade que está na base da experiência humana. Portanto, quando falamos em cuidar da família, isso envolve cuidar de seus membros em sua diversidade, em suas necessidades, em sua dignidade; nenhuma outra instituição está acima da família na construção do desenvolvimento humano integral».²⁹

O elemento reintegrador da pedagogia social salesiana procura permitir ao jovem, em seu processo de amadurecimento pessoal, reconstruir os laços rompidos com a família. Desse ponto de vista, o recente documento salesiano *Pastoral Juvenil e Família* ensina-nos que, como nosso ministério se dirige principalmente aos jovens, não podemos isolá-los do mundo ao qual pertencem, e por isso somos chamados a acompanhar as realidades familiares para garantir-lhes as condições adequadas, tanto para viverem juntos como para se apoiarem mutuamente, desde a estabilidade afetiva até a econômica. Uma família fragmentada coloca cada um de seus membros em risco, e a intervenção social visa estabelecer as causas desse mal-estar, a fim de ativar possíveis caminhos a serem seguidos pelo jovem para que ele possa reintegrar-se a ela, fazendo parte de um ambiente acolhedor, afetivo e formativo do qual ele se sinta parte importante, e do qual possa ajudar a consolidar.³⁰ Nesse mesmo movimento, é ideal que as famílias se unam ao processo de reintegração dos jovens como uma chave segura para sua recuperação.³¹

3. O EMPENHO PELO DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL

A Doutrina Social da Igreja tem inspirado e continua a inspirar o trabalho salesiano. As nossas propostas educativas têm uma perspectiva espiritual, porque agimos em nome de Deus e dirigimos nossas ações para Ele; mas também têm uma perspectiva sociopolítica,

29 DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL SALESIANA, *Pastoral juvenil e família*, Editrice S.D.B., Roma 2021, p. 12.

30 Cf. CG 28, p. 81 n. 15.

31 Cf. CG 28, p. 82 n. 15h.

porque estamos comprometidos com a transformação da realidade, e nesse mesmo sentido, acompanhamos os jovens para se comprometerem e serem agentes dinâmicos da cultura. Essa mudança de mentalidade exige rompermos com as lógicas que escravizam e ideologizam as pessoas e caminhemos juntos em vista do desenvolvimento humano integral.

Esse conceito relaciona-se com o conceito de “crescimento”,³² que durante muitos anos impulsionou os indicadores que buscavam medir a evolução das sociedades apenas do ponto de vista financeiro. O ensinamento da Igreja leva-nos a compreender que toda mudança benéfica nas dimensões material e social das pessoas está diretamente ligada à sua transcendência,³³ e é um apelo a ser verdadeiramente humano, já que esse é o plano de Deus para toda a humanidade e também, naturalmente, para os crentes que encontram em Cristo a medida do homem perfeito.³⁴

Esse processo reúne muitos esforços em prol da justiça, da paz e do cuidado da criação. O Papa Francisco publicou suas preciosas encíclicas *Laudato si'* (2015) e *Fratelli tutti* (2020) em torno dessa proposta, e em 2016 ele criou um Dicastério específico para regular e administrar questões relacionadas aos migrantes, aos mais pobres, aos doentes, aos excluídos e marginalizados, às vítimas de conflitos armados e desastres naturais, aos prisioneiros, aos desempregados e às vítimas de todas as formas de escravidão e tortura; assim como o programa de acompanhamento da pandemia da covid-19 e a coordenação da ecologia integral através da plataforma *Laudato Si'*. É evidente que não podemos falar de obras e serviços sociais salesianos sem reconhecer que estamos envolvidos nesse apelo a participar do caminho de desenvolvimento humano integral para o qual o Papa Francisco convidou a Igreja e o mundo. É, por assim dizer, a agenda oficial da Igreja à qual, como Congregação, estamos institucionalmente alinhados, agregando valor ao significado das nossas obras, reforçando a identidade carismática da nossa intervenção educativo-social e nos iluminando na escolha dos nossos aliados e das *stakeholder* (partes interessadas).

32 PAULO VI, *Populorum progressio*, 14.

33 FRANCISCO, *Laudato si'*, 225.

34 Cf. *Ef* 4,13.

3.1. A importância das obras para os jovens em situação de risco e a inovação social

A missão salesiana, em todas as suas manifestações institucionais e nos programas de assistência às populações em situações de violação dos direitos, gera itinerários que partem do respeito a cada pessoa, acompanhando-a a descobrir o seu lugar no mundo em diálogo com os valores evangélicos da fé cristã ou com as suas crenças pessoais. A teoria do desenvolvimento chama este fenómeno de mudança de “inovação social”, que leva em conta a riqueza existente em uma população, procurando gerar hábitos nas pessoas desde as suas possibilidades, para que possam encontrar o próprio caminho em vista de uma vida mais digna. Assim, o carisma salesiano e a inovação social são como duas faces da mesma moeda: a primeira no sentido teológico-pastoral e espiritual, e a segunda na atual linguagem académica e civil, que procura indicar processos de coesão no interior da cultura, levando indivíduos e comunidades ao desenvolvimento humano integral e, portanto, da nossa visão de mundo e da vida, à transcendência.

Em seu magistério, o Papa Francisco estabelece um diálogo importante e necessário entre a linguagem do compromisso social da Igreja, que defende a dignidade humana, e a das organizações internacionais que garantem políticas para o bem-estar dos povos.

Nas últimas décadas, foram muitas as agendas promovidas pela Igreja e organizações civis que trabalham no campo da cooperação para o desenvolvimento, a maioria das quais convergem no conceito de sustentabilidade. Uma organização, nesse caso uma obra ou um serviço social, é sustentável quando gera equilíbrio saudável entre o cumprimento da sua missão, o impacto que tem sobre o meio ambiente e a sustentabilidade financeira que a mantém. Desse ponto de vista, é interessante considerar a sustentabilidade como um componente que ajuda a avaliar o significado das obras e dos serviços sociais salesianos. É uma oportunidade de superar o perigo que existe em muitas instituições sociais (e às vezes eclesiais) de reduzir os valores do Evangelho e da doutrina social a ações meramente filantrópicas, colhendo nos nossos planos de intervenção processos reais de acompanhamento à transcendência.

3.2. A complementaridade dos saberes e das instituições salesianas

O modelo de pastoral que leva ao desenvolvimento humano integral no ambiente das obras e dos serviços sociais salesianos é enriquecido pela contribuição de várias disciplinas, dentre as quais gostaria de destacar as seguintes:

a. A contribuição salesiana na abordagem dos direitos humanos em nossos contextos

A pluralidade cultural e as exigências legais levaram a Família Salesiana a sentir o desafio de precisar responder de maneira particular às necessidades dos jovens em situação de risco em todos os contextos. Entretanto, o fenômeno da globalização torna cada vez mais comuns e similares em todas as sociedades e lugares os fatores que causam a injustiça social e a violação dos direitos das pessoas, assim como as estratégias geradas para combatê-los.

Compreender as chaves sociológicas de cada momento histórico nos diversos contextos é uma oportunidade para fortalecer o trabalho salesiano no ambiente das obras sociais e dos serviços sociais salesianos, e é uma forma concreta de projetá-lo no futuro para garantir o seu sentido. Essa disciplina fornece-nos os instrumentos para garantir que o nosso empenho em relação aos jovens seja permanente, porque a sociedade está sempre evoluindo; ajuda-nos a ser profundos e apaixonados em nosso trabalho, porque quanto mais pudermos analisar a condição da transformação humana, mais oportunidades teremos de encontrar as chaves para as transformações que levam ao desenvolvimento integral.

Com uma metodologia interdisciplinar, ativando observatórios que favoreçam uma leitura sociológica atenta e constante dos fenômenos que movem a dinâmica dos adolescentes e jovens, indica-se o caminho para a configuração dos itinerários educativos a serem seguidos e abre-se a entrada a vários *fóruns*, como aqueles criados em cada país e em cada região para denunciar a violação dos direitos dos menores. Ao mesmo tempo, é oferecida a oportunidade de trabalhar pela defesa desses direitos. A tarefa de observar esses fenômenos é essencial nesse ambiente, pois na formulação do PEPS, uma análise bem-feita do contexto tornará visível a oferta dos nossos serviços sociais e nos manterá relevantes entre as instituições do setor social.

Como Igreja e como Congregação Salesiana, reconhecemos que os direitos humanos são um dom precioso que devemos defender e promover. Sobre isso, as nossas comunidades locais e inspetoriais percorreram um longo caminho. Em 2009, com o Congresso sobre *Sistema Preventivo e Direitos Humanos*, a Congregação fez a opção de tornar essa linha transversal a todos os ambientes e níveis das nossas estruturas no mundo. De modo particular, olhamos para a *Convenção sobre os Direitos da Criança e do Adolescente*, que as Nações Unidas proclamaram em 1989 como um acordo global que dá importância aos menores como sujeitos que têm o direito de ser educados de maneira integral, ajudando-os a desenvolver todas as suas capacidades e a fortalecer a sua personalidade. Garante-se, assim, um caminho pelo qual a humanidade pode avançar com segurança para a conquista da paz e da dignidade humana, na medida em que as novas gerações forem respeitadas e formadas para esse estilo.

Deveria tranquilizar-nos saber que, como religiosos e leigos da CEP, tomamos as medidas necessárias e desenvolvemos os instrumentos necessários para salvaguardar a integridade dos menores e de toda a comunidade, sabendo que todos os seus membros devem conhecê-las, interiorizá-las, respeitá-las e observá-las.

b. A pedagogia social em chave salesiana

Quando se fala de risco social, referimo-nos à possibilidade concreta de os direitos humanos das pessoas serem afetados ou violados radicalmente. Nos mais diversos contextos humanos, encontramos muitas formas de pobreza que atingem as crianças em geral. Todavia, contextos de elevada pobreza socioeconômica concentram um grande número de elementos que põem em risco a dignidade das pessoas. Existem muitas periferias humanas que trazem consigo a marginalização sofrida por milhões de pessoas em comparação com alguns benefícios desfrutados pelos cidadãos comuns. Em casos mais escandalosos e degradantes, vemos que milhões de outros seres humanos vivem em total exclusão, incapazes de ter as oportunidades que deveriam ser garantidas em todas as sociedades.

A nossa opção carismática em favor dos mais pobres exige o nosso comprometimento, na medida do possível, para contribuir no rompimento dos ciclos de pobreza e exclusão, e o fazemos, fundamentalmente, através da instrução. Na maioria das Inspeorias que têm pro-

gramas sociais há o desafio de formar educadores sociais e pedagogos sociais, uma vez que não é fácil encontrar os perfis adequados em todos os contextos e, em muitos casos, não existe sequer uma oferta acadêmica para prepará-los como tais.

Desde a perspectiva laica, os educadores sociais e pedagogos sociais são uma figura muito parecida com o assistente salesiano que Dom Bosco queria para os seus ambientes. Através da pedagogia social, perguntamo-nos sobre o tipo de cidadão que devemos acompanhar rumo à maturidade, a partir do reconhecimento das singularidades das crianças, dos adolescentes e jovens das nossas presenças.

Entre os muitos valiosos textos sobre a pedagogia social, gostaria de sugerir com simplicidade a leitura atualizada do Sistema Preventivo oferecida pelo nosso irmão, P. Jean-Marie Peticlerc.³⁵ Ele observa que há três momentos-chave nos quais as obras salesianas e os serviços sociais propõem atualmente itinerários de acompanhamento para jovens em situação de risco: a pedagogia da acolhida, a pedagogia da esperança e a pedagogia da aliança.

– *A pedagogia da acolhida* identifica os primeiros passos que os educadores dão para entrar em contato com cada jovem individualmente. A partir daí, gera-se o link que permitirá a cada um abrir-se às propostas pedagógicas. Isso é possível porque o jovem reconhece a credibilidade do educador que o acompanha. De fato, se não houver confiança, não haverá processo educativo.

– *A pedagogia da esperança* permite ver como educadores e especialistas de diferentes disciplinas propõem itinerários para acompanhar o jovem, ajudando-o a amadurecer de forma integral. Percebe-se que há um caminho a seguir, baseado na confiança, que produzirá frutos.

– Enfim, *a pedagogia da aliança* permite descobrir a rede de redes que vai sendo construída e deve garantir a todos, nesse caso os jovens que se dirigem às nossas obras e aos nossos serviços sociais, as oportunidades que os ajudarão a crescer como cidadãos, a exercer os seus direitos e deveres e a participar do desenvolvimento saudável da cultura. Isso demonstra a função reguladora da sociedade como garantia dos direitos, canalizada através do papel do Estado e das instituições

35 Cf. PETICLERC JEAN-MARIE, *I valori più significativi del Sistema Preventivo*, in AA. VV., *Sistema preventivo e diritti umani*, Roma, 2009.

públicas, bem como dos órgãos que supostamente devem garantir o bem-estar dos cidadãos.

c. A complementaridade dos saberes

Como disse antes, o modelo pastoral e psicossocial baseia-se na construção da confiança, esperança e aliança. É admirável observar como o Sistema Preventivo Dom Bosco tem a capacidade de envolver tantas pessoas – leigas e consagradas – que enriquecem a nossa presença com novas linguagens, novas experiências educativas, novos caminhos a seguir para ir ao encontro dos jovens mais necessitados. Nesse trabalho de complementaridade, nós, Salesianos consagrados, também temos a oportunidade de contribuir para a grande riqueza do acompanhamento pessoal e espiritual dos menores, das suas famílias e dos seus bairros ou comunidades locais.

Em nossa Congregação, além da rica experiência pastoral, temos um abundante patrimônio intelectual que deu origem a escolas, institutos, centros de formação profissional, centros de atendimento a menores, grupos de pesquisa e numerosas publicações científicas que fazem de nossas universidades e instituições de ensino superior verdadeiros pontos focais que iluminam a reflexão nas diversas esferas do saber, e que assumem particular significado quando isso tem impacto no processo de acompanhamento de indivíduos e grupos. Essa enorme capacidade foi levada adiante por Salesianos e leigos que ofereceram, e continuam a oferecer, as suas capacidades intelectuais a serviço da missão.

Entre as importantes ofertas de formação superior, a nossa Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, como universidade da Congregação, viu surgir produções acadêmicas significativas nos campos da Pedagogia e da Pedagogia social, da Psicologia e da Sociologia, fundamentais para a consolidação do ambiente das obras sociais. Devemos continuar nessa linha e aumentar a colaboração com outras IES (Instituições de Ensino Superior) e universidades no compromisso com o desenvolvimento humano em múltiplos campos.

Faço um apelo às Inspetorias e àqueles que prestam serviços nas obras sociais, para que em meio ao seu intenso trabalho apostólico (educativo e social), realizem um saudável exercício de inteligência pastoral para não ceder à tirania de responder apenas ao que é urgente. Precisamos sistematizar a nossa ação educativa e mantê-la constan-

temente atualizada, com uma análise contínua da realidade, dos contextos e das realizações que possam tornar a missão significativa. É verdade que nem todas as comunidades têm a capacidade de realizar essa tarefa, por isso, é de grande importância gerar redes também nesse aspecto.

Por esse motivo, convido também os nossos institutos de ensino superior a garantir que grande parte da sua reflexão sobre o setor social possa vir dos territórios onde as nossas obras salesianas estão localizadas e da experiência que vivemos neles. Que a pesquisa universitária cumpra verdadeiramente a sua função social de fornecer dados e reflexões que levem a uma sábia compreensão dos fenômenos humanos e culturais, e que isso permita aos diversos agentes sociais e educadores tomar decisões, gerando, assim, as ações necessárias e até mesmo inovadoras para cada ambiente.

Convido, enfim, as obras e os serviços sociais, as Universidades salesianas, o Setor da Pastoral Juvenil, o Setor das Missões e da Comunicação Social da Congregação, as Procuradorias missionárias, as ONGs de inspiração salesiana e as Inspetorias a se unirem e coordenarem sempre mais, e a trabalhar em projetos plurissetoriais com sentido de comunhão e corresponsabilidade, para continuar a oferecer as melhores respostas possíveis e responsáveis a esses menores e jovens, e às suas comunidades empobrecidas; e, tudo isso, sempre na fidelidade ao carisma.

3.3. O empenho na cidadania ativa

A partir da lógica com que apresentei a reflexão até este ponto, é fácil concluir que não é possível ter uma proposta de desenvolvimento humano integral que favoreça as pessoas sem envolvê-las nesse mesmo processo; por isso, enfatizo dois aspectos muito importantes que nos ajudam a fortalecer esse propósito:

a. Formação para a cidadania ativa

A cidadania ativa leva à formação de pessoas sensíveis e atentas aos grandes desafios da humanidade e ao desejo de fazer algo para encontrar soluções comuns.

É muito importante motivar e ensinar os jovens a refletir e propor itinerários, objetivos e processos baseados no valor e na riqueza

das pessoas no próprio lugar, território e contexto. Isso lhes permitirá exercer certa liderança na busca do bem-comum e na melhoria das suas vidas e das dos outros. Desde o ponto de vista da fé e da perspectiva cristã, isso significa preparar jovens que serão verdadeiros «discípulos-missionários» (nas palavras do Papa Francisco)³⁶ capazes de ser significativos aqui e agora.

Um significativo número de Inspetorias propõe programas especializados de formação para a cidadania ativa, destinados tanto a formar jovens e adultos nesse campo quanto a gerar projetos que fortaleçam essa dimensão de cidadania ativa nos diversos ambientes pastorais.

b. O voluntariado para a construção da amizade social

O voluntariado é uma das realidades presentes em Valdocco desde as origens do carisma (mesmo que seja um termo mais adequado aos nossos tempos do que aos de então). Foram os próprios jovens que desejaram ajudar Dom Bosco a realizar a sua missão. Dessa experiência, alguns desses jovens ficaram com ele e, com alguns, Dom Bosco fundou a Congregação Salesiana. É belo imaginar o que Mãe Margarida deve ter pensado quando Dom Bosco pediu a sua ajuda para ser a mãe dos seus jovens. Deverá ter sentido muita emoção e uma profunda alegria em saber que estava ajudando o seu filho em algo de importante. Ela pode ter sentido saudades ao deixar a casa onde vivera tantos anos: a terra pela qual ela havia trabalhado tanto, a família e os vizinhos. Deve ter sentido incerteza ao partir para o desconhecido, pois o desconhecido era sem dúvida a vida que a esperava em Valdocco. Não obstante, aceitou o convite do filho e contribuiu para melhorar a vida de muitos jovens.

A missão salesiana continuou a espalhar-se pelo mundo todo, fruto do Espírito Santo (o verdadeiro inspirador do carisma), e muitas pessoas aderiram a ela. Como Dom Bosco, hoje também nós precisamos de ajuda para continuar a construir o Reino de Deus onde quer que o Senhor nos tenha plantado. Como Dom Bosco, também nós podemos propor aos jovens que sejam pastores e educadores de outros jovens, e um modo de fazê-lo, entre os muitos modos de viver e empenhar-se, é o voluntariado.

36 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 119-121.

Através dessa experiência, podemos promover a cultura da solidariedade, a abertura da mente e do coração. Através do encontro com os outros, em outras culturas e geografias, a experiência de voluntariado deveria oferecer às pessoas, especialmente aos jovens que foram os destinatários dos nossos processos de acompanhamento em alguns ambientes salesianos, uma experiência que os ajude a ter uma perspectiva válida e rica sobre a sua vida. As mesmas presenças salesianas que acolhem os voluntários são positivamente impactadas pela sua presença.

Há em nossa pastoral juvenil vários tipos de trabalho voluntário em que as pessoas doam generosamente o seu tempo, o seu trabalho e as suas vidas nas casas salesianas ou nos vários serviços oferecidos, o que também é um indicador muito importante dessas presenças na consolidação do desenvolvimento humano integral. Essa experiência, feita sobretudo nas nossas obras sociais e missionárias, é um dom de Deus vivido no mundo salesiano, que criou laços de amizade e pertença entre os voluntários, os Salesianos e os jovens das obras. As comunidades salesianas que acolhem voluntários também são desafiadas pela sua mesma presença e sentem muitas vezes o desafio que o contato e a colaboração com os voluntários representam para viver o seu ser Salesianos de Dom Bosco de uma forma cada vez mais testemunhal.

3.4. Educação à fé e acompanhamento nas obras sociais salesianas

Num momento em que as obras sociais salesianas procuram dar prioridade principalmente às pessoas (crianças, adolescentes e jovens) e não às estruturas, aos serviços e à própria gestão, não podemos esquecer que para nós «a evangelização e a catequese são a dimensão fundamental da nossa missão». «Como Dom Bosco, somos chamados, todos e em qualquer ocasião, a ser educadores da fé».³⁷ A catequese e a educação à fé não são algo que devemos oferecer somente aos jovens e às jovens mais afortunados, hábeis e capazes. São precisamente os mais necessitados os primeiros a serem enriquecidos pelo dom da presença do Senhor em suas vidas, pelo dom da fé – qualquer que seja a sua religião. *Não caímos no erro de pensar que os nossos destinatários privilegiados não estejam nunca suficientemente preparados para fazer o itinerário de iniciação cristã ou de amadurecimento na*

37 Cf. Const. 34.

fé. Por isso escrevemos que «Dom Bosco transmitiu a paixão pela salvação dos jovens vivida no empenho constante de *uma catequese simples, essencial, adaptada à condição, idade e cultura dos jovens e unida a outras propostas educativas e recreativas do Oratório*. Não se faz catequese salesiana ao final de um itinerário propedêutico, mas, implicitamente, ela é o coração dos primeiros encontros e, explicitamente, de toda a proposta formativa. Dom Bosco não distinguia entre primeiro anúncio e catequese, mas, ao encontrar um menino, logo o convidava oportunamente para o itinerário de vida cristã».³⁸

Fiel à tradição salesiana, creio ser essencial não negligenciar o fato de a educação à fé e a catequese serem colocadas a serviço da formação integral da pessoa humana, sempre no respeito a todo indivíduo.

4. O ÂMBITO DO SISTEMA PREVENTIVO

O Sistema Preventivo, em que encontramos a identidade educativa e espiritual salesiana, concretiza-se, em diversos modelos educativos e pastorais, de modo todo particular no cuidado dos adolescentes e jovens em situação de risco social. Todo ambiente pastoral deve ser capaz de dar uma resposta adequada e específica à realidade dos jovens com os quais compartilhamos as nossas vidas segundo o critério oratoriano como fonte permanente de inspiração.

As obras e os serviços sociais salesianos têm uma dupla tarefa: evitar situações que possam violar os direitos das crianças e dos jovens e curar as feridas causadas pela violação desses direitos, que levaram a dolorosas condições de marginalização.

A defesa, a restituição e a salvaguarda dos direitos das crianças, dos adolescentes e jovens – assim como das suas famílias, dos grupos e dos bairros – dão ao Sistema Preventivo Salesiano uma caracterização e atuação muito concretas. Os resultados esperados da ação pastoral são a redução dos riscos sociais, a restauração dos direitos e a reintegração na vida social. A partir da nossa opção evangelizadora, todos os nossos ambientes são chamados a ter uma perspectiva social em favor dos mais pobres e desfavorecidos.

38 DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL SALESIANA, *A Pastoral Juvenil Salesiana. Quadro referencial*, Editrice S.D.B., Roma, 2014³, p. 142-145.

Não podemos julgar os jovens só a partir dos seus problemas. É verdade que não é fácil trabalhar no ambiente das obras e dos serviços sociais. Como Dom Bosco, a paciência e uma elevada tolerância à frustração devem ser enriquecidas pela fé e a certeza de trabalhar pelo Reino de Deus. Todavia, ao mesmo tempo, a enorme satisfação de ver os resultados em muitos desses jovens, em cada um deles, cada um no próprio ritmo e de acordo com as próprias possibilidades, cada um com seus dons, continua a ser um “sinal de ressurreição”, como em Naim.

É uma alegria que experimentamos, como Salesianos e leigos, porque estamos certos de que a opção pelas obras e pelos serviços sociais salesianos reflete o mesmo rosto de Deus.

4.1. Uma resposta constante

O carisma de Dom Bosco é uma manifestação da predileção de Deus pelos jovens e, entre eles, pelos menos favorecidos. Isso é demonstrado pela multiplicidade de projetos que compõem o setor de obras e serviços sociais da Congregação Salesiana em 134 países. Atualmente, Salesianos e leigos em nossas presenças cuidam de crianças, adolescentes, jovens e comunidades em situação de risco, com cerca de 1.120 programas que, nos cinco continentes, estão relacionados com os diversos ambientes pastorais de algumas obras ou constituem comunidades educativo-pastorais com projetos específicos do modelo social. Essas experiências são o resultado de muitas décadas de trabalho generoso no qual as comunidades locais e inspetoriais responderam com fé à voz do Espírito, reagindo às necessidades dos jovens em seus contextos e realidades, renovando e atualizando a forma de interpretar e aplicar o sistema preventivo.

Não obstante as distâncias e diferenças culturais em que as diversas propostas surgiram, esse ambiente vai consolidando-se sempre mais, tanto pela sistematização e profissionalização dos itinerários propostos diante dos diversos problemas da juventude como pela evolução legislativa que tem caracterizado o setor social (às vezes chamado de terceiro setor). O fenômeno da globalização também homogeneizou os problemas que colocam em risco a dignidade das pessoas e, como revide, há o trabalho em rede que trouxe respostas que permitem oferecer soluções adequadas.

Como Reitor-Mor, Indiquei em minha proposta programática para a Congregação após a CG28 a «prioridade absoluta para os jovens, os mais pobres e os mais abandonados», e afirmei com profunda convicção que «se um dia abandonássemos os jovens, os jovens e, entre eles, os mais pobres, seria o início da morte da nossa Congregação».³⁹

Sou muito grato ao Senhor por ver o progresso feito em muitas comunidades locais e inspetoriais. Renovo agora o convite para continuarmos o compartilhamento da riqueza do patrimônio carismático que possuímos para juntos continuarmos a moldar e consolidar a identidade evangelizadora e educativa desse importante ambiente no qual também somos testemunhas do amor e da bondade do Senhor. Para consegui-lo, precisamos unificar cada vez mais as linguagens que nos levarão a entender-nos e dialogar sobre o que consideramos importante em nossas propostas; assim poderemos estabelecer os critérios mínimos, mas comuns, que devem orientar o PEPS deste ambiente educativo-pastoral no qual trabalhamos com os mais pobres e abandonados, e fortalecer em nossa Congregação o trabalho em rede entre as Inspetorias e Regiões. É verdade que há países e Inspetorias onde essa reflexão está muito avançada; em outros casos, ela está avançando mais lentamente, mas vão sendo dados passos significativos.

Com essas palavras, desejo acompanhar e apoiar os esforços de muitas Inspetorias que, incorporando firmemente no POI a opção preferencial pelos mais pobres, dedicam todo tipo de recursos a essa missão e garantem a sustentabilidade desses programas e serviços.

Acompanho igualmente com grande esperança o trabalho consolidado de algumas Conferências de Inspetores e Regiões que criaram em seus territórios estruturas de coordenação para os processos de gestão, comunicação e formação do setor social.

Sobre isso, gostaria de evidenciar o trabalho realizado por “Jovens em Situação de Risco” (YAR) na Índia; Rede Salesiana de Ação Social no Brasil; Salesianos pela Ação Social na Itália; Plataformas Sociais Salesianas na Espanha e a experiência da Rede Salesiana América Social (RASS), que funciona há mais de 20 anos com reflexão ininterrupta e ação conjunta incluindo 18 Inspetorias das 2 Regiões do continente americano. Em todas essas experiências, há linhas de ação definidas em planos de ação de qualidade, estratégias consolidadas de

39 Cf. CG 28, p. 35-38.

intervenção juvenil, apoio tecnológico adequado e programas conjuntos de formação. Noto, sobretudo, com alegria a intensa paixão educativa e evangelizadora em favor dos jovens mais pobres e daqueles em situação de risco.

Uma parte muito significativa dessas propostas é realizada em conjunto com as Filhas de Maria Auxiliadora e outros Grupos da Família Salesiana, nos quais a contribuição significativa de cada um enriquece a resposta carismática das propostas educativas salesianas no mundo. Esse trabalho familiar corresponsável tem sido uma fonte de revitalização. E o compromisso de trabalhar como Família Salesiana é uma característica constitutiva da nossa identidade que torna nossas obras e serviços sociais um verdadeiro “lugar teológico do encontro com Deus”.

Há também casos muito significativos de parcerias com outras Congregações religiosas e Dioceses, fazendo do nosso trabalho um trabalho sempre mais eclesial.

4.2. Novas formas de missão

A “Consulta Mundial das Obras e dos Serviços Sociais”, realizada em Roma em 2019, convocada pelo Setor para a Pastoral Juvenil no contexto do Sínodo sobre os jovens, ratificou o caminho que esse ambiente deve continuar a seguir, de acordo com a proposta do Papa Francisco sobre o desenvolvimento humano integral. Em continuidade com a reflexão realizada em 2019, e como parte integrante das “Linhas Programáticas do Reitor-Mor para a Congregação Salesiana” após o CG 28, considere necessário convocar um **Congresso Internacional das Obras e dos Serviços Sociais Salesianos**, como espaço de convergência de todas as Inspetorias e Instituições às quais pertencem, para rezar, refletir, compartilhar e propor acordos e ações comuns que consolidem esse ambiente em nossa Congregação.

Vivemos numa época de mudanças sociais velozes e, por isso mesmo, os serviços sociais também estão evoluindo rapidamente. Diante dessa realidade, o ambiente educativo-pastoral das obras e dos serviços sociais deve ser definido não tanto pelos serviços oferecidos, mas pelo método que o leva a impactar, na lógica do desenvolvimento humano integral, na vida das crianças, dos adolescentes e dos jovens. A observação permanente dos fenômenos sociais e culturais oferece-nos a possibilidade de identificar quais são as periferias da condição

humana e, portanto, de propor novas estratégias operativas para chegar até as pessoas. A competência de deter as situações que causam tanto sofrimento humano, tanta marginalização e tendem a criar situações de “descarte”, especialmente entre os adolescentes e jovens, leva-nos a dar respostas concretas.

Neste sentido, não posso deixar de mencionar pelo menos três grandes feridas que afligem a humanidade neste tempo.

a. O efeito devastador da pandemia de covid-19

A chegada da pandemia teve efeitos dramáticos sobre a economia mundial. Muitos ciclos de produção foram interrompidos e a prestação de serviços foi reduzida exponencialmente. Entretanto, o nosso trabalho em obras e serviços sociais tem sido impulsionado por situações como assistência aos doentes, cadeias solidárias na distribuição de alimentos e outras necessidades básicas. Os menores e jovens em situação de risco já estavam nessas obras durante a pandemia; essa era a sua casa, não podíamos afastá-los e deixá-los na rua. A Providência deu-nos forças para acompanhá-los e recursos para sobreviver em meio à crise.

Enquanto escrevo esta carta, o flagelo da pandemia ainda não desapareceu e o vírus continua a sofrer mutações. A pandemia de covid-19 afetou todas as esferas e níveis da sociedade: tanto as sociedades “do bem-estar” como as mais pobres e as tocadas pela miséria. Às primeiras pertencem os mais ricos e poderosos deste mundo, que também têm melhores chances de acesso ao tratamento. Entretanto, não podemos esquecer que nos lugares mais pobres e abandonados – nos países considerados “em desenvolvimento” – a crise sanitária causada pela covid-19 continua a ser uma das mais aberrantes injustiças sociais atualmente existentes e à qual muitas populações estão sujeitas em consequência da negligência política, corrupção e falta de solidariedade de uma parte do mundo para com a outra (a maior e a mais pobre).

b. A nefasta guerra na Ucrânia

Como já afirmei em outros textos, a perversa guerra que levou à invasão da Ucrânia destruiu muitos sonhos de paz surgidos nas últimas décadas. As primeiras consequências desse drama são destruição, danos, mortes e famílias dizimadas pela perda de seus entes queridos. Nossa

solidariedade é com todo o povo ucraniano e, de maneira especial, com os nossos irmãos e membros da Família Salesiana que não vacilaram em sua missão de serem sinais concretos da presença de Deus entre o povo.

Testemunhamos muitos sinais de unidade e solidariedade. Nossas Inspetorias salesianas na Europa (tanto SDB como FMA) responderam admiravelmente ao pôr em ação planos para acolher milhares de famílias desalojadas pelos bombardeios e pela destruição. Em muitos casos, foram dispostos alguns processos para ligá-los aos sistemas sociais dos diversos países anfitriões e garantir o seu bem-estar. As casas salesianas nos países limítrofes da Ucrânia, e não só, têm servido como centros de acolhimento e distribuição de ajuda humanitária de todo o mundo. Vimos que nos diversos lugares onde os nossos irmãos e irmãs ucranianos chegaram, foi celebrada e compartilhada a fé que nos impele a agir solidariamente e ser uma só família.

c. Outros lugares de dor, morte e fome

Seria um grave esquecimento da minha parte se não mencionasse aqui a realidade de dor, morte e fome em muitos outros lugares onde a guerra entre sociedades irmãs, conflitos civis e grupos terroristas (muitos deles na África) continuam a ser um flagelo que parece não ter fim e não são visíveis para a mídia porque ocorrem em áreas que não respondem aos interesses dos grupos controladores do poder econômico em escala global. Também ali, os nossos irmãos e as nossas irmãs, em comunhão com outros membros da Família de Dom Bosco, estão presentes com propostas de ressurreição e vida em meio à cultura de morte.

4.3. Obras e serviço sociais salesianos entre os migrantes e refugiados

Em sua “Mensagem para o Dia Mundial dos Migrantes e dos Refugiados”, de 2018, o Papa Francisco escreveu que «todo estrangeiro que bate à nossa porta é uma oportunidade para encontrar Jesus Cristo, que se identifica com o estrangeiro aceito ou rejeitado de todas as épocas».⁴⁰ Ele enfatizou que diante do drama de milhões de pessoas forçadas a deixar suas terras por causa das guerras, da pobreza e da

40 FRANCISCO, *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2018, “Acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e refugiado”*, Roma, 15 de agosto 2017.

violência, a nossa resposta comum poderia ser articulada em torno de quatro verbos: “acolher, proteger, promover e integrar”. Como ele disse ao CG 28, os migrantes não podem ser um problema; eles são hoje para nós, Salesianos, uma grande oportunidade para encontrar Jesus.

O Papa incentiva-nos a «tocar as feridas» dos corpos daqueles que sofrem; quando isso acontece, tornamo-nos verdadeiramente sensíveis à sua dor e, como homens de fé e pastores dos jovens, somos convidados a não ficar parados diante desse drama. O carisma salesiano encontra o seu pleno significado nesse campo, que é o serviço pastoral-social que mais cresce na Congregação, e no qual também desenvolvemos propostas de acompanhamento para os diversos tipos de migração, tanto no interior de algumas nações como nas migrações internacionais com as quais boa parte das Inspetorias se ocupa.

Sobre isso, gostaria de destacar a nossa atenção à migração voluntária permanente por razões econômicas, de trabalho ou de estudo. Também lidamos com pessoas em migração voluntária temporária, especialmente trabalhadores que entram sazonalmente para participar dos mercados de trabalho dos países desenvolvidos. Acompanhamos as migrações forçadas empreendidas por pessoas que fogem de seus países por causa das guerras, da violência, das epidemias ou dos desastres naturais. Alguns desses migrantes são refugiados em busca de asilo político e muitos deles são forçados a permanecer por longos períodos de tempo à espera de respostas malsucedidas dos governos. Nesse sentido, gostaria de agradecer aos nossos irmãos pelo grande trabalho realizado nos campos de refugiados de Palabek, em Uganda; Kakhuma, no Quênia; e Juba, em Sudão do Sul, onde, apesar das difíceis circunstâncias, a nossa presença é um farol de esperança para essas pessoas.

Todos os migrantes têm em comum a busca de bem-estar, seu e de suas famílias, que muitas vezes permaneceram no lugar de origem e para os quais se busca, geralmente, o reencontro. Isso nos leva a descobrir que o valor “afetivo” na migração é um dos componentes a levar em conta quando se acompanha pastoralmente uma pessoa que vem de longe.

Devemos perguntar-nos o que o migrante que vemos passar pela nossa porta deve sentir em seu coração; devemos questionar-nos sobre a sua solidão e as circunstâncias em que ele deixou a sua casa, os seus entes queridos, a sua aldeia e o seu povo. Nós, Salesianos, não podemos

considerar as migrações como “fenômeno estatístico” a ser analisado segundo os números; diversamente, devemos enfrentar esse drama com a esperança de gerar vida, libertando-nos do hábito do “politicamente correto”. O Evangelho não inclui o “politicamente correto”!

Muitas propostas em andamento em algumas Inspetorias salesianas procuram oferecer alternativas que proporcionem dignidade aos imigrantes. É verdade que trabalhar com os pobres, que também são de outra cultura ou religião, não falam a nossa língua e podem carregar um pesado fardo de ressentimento social, é difícil e sem recompensa. Mas poderíamos perguntar-nos que habilidades Dom Bosco desenvolveu quando enfrentou esses mesmos desafios com os meninos de Valdocco. Nos diversos contextos das nossas comunidades educativas, podemos perguntar-nos o que fazer para melhorar a condição dos migrantes em nossas cidades. Assim, paróquias, escolas, oratórios e centros de formação profissional podem determinar o número de migrantes com os quais interagir e oferecer-lhes um espaço mais significativo no qual possam crescer e integrar-se melhor na sociedade.

5. SUSTENTABILIDADE DAS OBRAS E DOS SERVIÇOS SOCIAIS

É claro que a sustentabilidade dos projetos e das ações no setor social é importante para que se possa continuar a fazer o bem. Há três critérios que as agências internacionais de cooperação para o desenvolvimento indicam quando pensam na sustentabilidade das intervenções sociais. A sustentabilidade é garantida se elas tiverem a capacidade de gerar equidade social de acordo com a sua missão, se forem capazes de garantir a sustentabilidade ecológica e se tiverem os recursos financeiros para apoiar essa missão.

Em nossas presenças, o equilíbrio desses três critérios deve ser verificado periodicamente pelo núcleo da CEP e deve atender aos objetivos e indicadores do PEPS. Em todo caso, estamos convencidos de que trabalhar com essa orientação é totalmente compatível com a confiança e o abandono na Providência. Porque fazer as coisas bem, com grande transparência e comunicar o bem que se faz, abre caminho para a generosidade dos benfeitores que trabalham conosco com base na confiança e credibilidade. Esse é um fator muito importante. Não nos esqueçamos de ser muito exigentes de nós mesmos em termos de clareza, honestidade e transparência.

Cabe, realmente, aos órgãos de gestão de cada presença, projeto ou programa no setor social (dependendo da realidade de cada lugar) assegurar uma comunicação transparente com critérios de qualidade, já que a capacidade de negociar recursos, de obter contratos com os diversos órgãos estatais, de estabelecer alianças interinstitucionais e de acessar projetos nacionais e internacionais com agências de cooperação depende em grande parte disso. Pode-se até dizer que na maioria dos países onde trabalhamos como defensores dos direitos das crianças, é exatamente disso que dependemos para obter as licenças que credenciam ou autorizam nossas instituições a prestar o serviço.

Todo esse empenho leva-nos a fortalecer os nossos esforços no planejamento e na mentalidade de projeto, em total harmonia com o que nos é proposto pelo *Quadro referencial para a Pastoral Juvenil*. Não devemos ser indolentes, mas bem organizados em nossa ação apostólica; sem cair na eficiência estéril.

Queridos irmãos e irmãs, esse trabalho é certamente desafiador, mas não impossível. Por isso é necessário entender a lógica do setor social ou terceiro setor e escolher criticamente os perfis das pessoas que aderem à missão e nos acompanham nas diversas tarefas às quais devemos responder. O cuidado atento com os recursos humanos envolve ouvir as pessoas, acompanhá-las na formação comum e garantir a qualidade do trabalho, dando sempre prioridade àqueles a quem a missão se destina. Ao garantir tudo isso, seremos sempre capazes de tomar as decisões mais oportunas.

Creio, pois, poder dizer que sustentabilidade e sentido pastoral das obras salesianas são dois termos que se complementam.

5.1. A estrutura organizativa nas atividades salesianas de desenvolvimento

Quando temos uma abordagem clara dos papéis e das relações a serem estabelecidos nesse campo particular da missão salesiana, entendemos ainda mais claramente a necessidade de partir de uma abordagem pastoral orgânica e processual, na qual a autoridade é conferida com base no serviço aos mais pobres. E isso é muito mais importante do que ocupar esta ou aquela posição.

Em nível local, os responsáveis pelas obras ou pelos programas sociais devem assegurar que o serviço prestado seja adequado, ou seja,

que a ação educativo-pastoral atenda às necessidades dos jovens e de suas comunidades.

Em nível Inspetorial, os “Escritórios de Planejamento e Desenvolvimento” (EPD) de cada Inspetoria ou “Escritórios de Projetos” podem apoiar o trabalho das obras e dos serviços sociais na formulação técnica desses processos.

A cooperação para o desenvolvimento é o esforço de diferentes atores sociais. Esses escritórios têm evoluído nas Inspetorias, ajudando a proporcionar uma mentalidade sempre mais orgânica e orientada a processos, tanto nas Inspetorias quanto nas comunidades locais.

É necessário, ainda, para garantir a qualidade e o futuro dessas obras, cuidar das pessoas, sendo sempre corretos na relação com os trabalhadores e com o pessoal envolvido. Para isso, devemos, antes de tudo, garantir o cumprimento das leis trabalhistas de cada país, assegurando que os trabalhadores recebam um salário justo, de acordo com o seu desempenho, e que tenham condições decentes de trabalho. E digo-o pensando especialmente nos países onde os direitos dos trabalhadores são pouco protegidos e as exigências legais são menores. Devemos nos distinguir como Congregação Salesiana pelo desejo claro de verdadeira justiça (que vai além da legalidade essencial); caso contrário, o bem que podemos fazer pelos jovens e pelas jovens mais vulneráveis não será pleno e sempre faltará alguma coisa.

Em nível internacional, algumas instituições salesianas presentes na ONU e em Bruxelas são muito significativas. Assim como muitas de nossas Organizações Não Governamentais de Cooperação para o Desenvolvimento e as nossas Procuradorias Missionárias. Todas essas instituições favorecem a participação da nossa Congregação Salesiana na cooperação para o desenvolvimento dos povos. A nova cultura de colaboração, doação e ajuda que estamos procurando gerar leva por sua vez a mudanças de mentalidade nos territórios e entre as pessoas, ajuda a garantir a sustentabilidade dos projetos e também dá maior significado carismático às nossas obras e serviços sociais.

5.2. O processo de decisão

O modelo operativo salesiano propõe uma estrutura orgânica na animação e governo das obras e dos serviços sociais e designa as equipes e os tomadores de decisão que são chamados a decidir o mais

adequadamente possível para promover uma resposta real aos mais vulneráveis nesse setor.

1. Devemos ter uma visão de futuro

Nas Inspetorias onde prestamos serviços sociais, é necessário superar o individualismo e o territorialismo que isolam as obras e dificultam o desenvolvimento do setor social. É necessário projetar-se no futuro, de modo a garantir o caminho para a sustentabilidade. Insisti na necessidade de compor equipes dedicadas à observação dos fenômenos sociais e ao conhecimento da legislação de cada lugar para sabermos sempre aonde vamos, para não perdermos presença, validade e significado a serviço daqueles que precisam de nós.

2. Ter uma visão orgânica

É necessário permitir que no nível da obra local, dos serviços sociais, inspetoriais e, se necessário, nacionais sejam tomadas as decisões necessárias e, para isso, é indispensável uma delegação adequada de autoridade.

Dado o escasso conhecimento por parte de muitos gestores da lógica do setor social e da legislação à qual devem responder, há a necessidade urgente de um profundo senso de liderança institucional e de *governance*, ou seja, uma capacidade colegiada de tomar decisões (cada um de acordo com as próprias responsabilidades), conforme um plano comum orientado por especialistas no setor.

Esta ação de *governance* atenua o risco de cada casa ou cada Inspetoria interpretar aspectos de interesse comum de forma diferente e autônoma. Não dar atenção a esse aspecto levaria (ouso dizer metaforicamente) à “paquidermia” institucional, a caminhar lentamente, perder-se em burocracias ineficientes e pôr em risco o mais importante, que é a nossa missão feita adequadamente.

3. Sempre com uma visão de conjunto

É necessário salvaguardar a unidade de critérios e comprometer-se com uma visão que, tanto para as pessoas quanto para a economia como um todo, também beneficie os programas sociais, evitando a tentação de ter obras economicamente ricas e outras muito pobres que podem falir diante da incúria institucional.

Onde a sustentabilidade não for alcançada através de acordos com instituições públicas, as Inspetorias devem procurar formas de garantir a vida das obras e dos serviços incluídos no POI; obras e serviços que nunca são economicamente lucrativos, mas que se destinam aos “últimos”, nossos prediletos.

Considero importante ter nas Inspetorias um referente para as obras sociais: um membro da equipe de pastoral juvenil, leigo ou religioso, com competências adequadas tanto no conhecimento do setor e das políticas às quais devem responder como na capacidade de trabalhar em equipe, para garantir a harmonia das obras sociais com o projeto inspetorial, nacional e da Congregação.

4. Tenhamos os olhos sempre voltados para os jovens

Ajuda-nos a ter o mesmo olhar de Dom Bosco entender que o centro da nossa ação não está na gestão ou nas estruturas, mas nos jovens, e que aqueles são apenas instrumento para educar e evangelizar.

Quando os jovens ocupam os nossos corações, os preconceitos pessoais e institucionais são postos de lado e ficamos mais corajosos e criativos na busca das melhores alternativas para acolhê-los. A compreensão dos principais fenômenos de pobreza e exclusão de adolescentes e jovens incentiva-nos a continuar fazendo das obras e dos serviços sociais salesianos uma forma concreta e bela de dar a nossa vida pelos menos favorecidos.

CONCLUSÃO

Queridos irmãos, queridas irmãs, Salesianos e leigos, uno-me ao pensamento da Doutrina Social da Igreja, que no Magistério do Papa Francisco nos convida a redescobrir e a valorizar a dimensão social do carisma salesiano,⁴¹ quero convidar-vos a serdes destemidos, corajosos como Dom Bosco nas opções em favor dos menos favorecidos, dos mais “difíceis”, dos descartados, de todos aqueles cujos direitos são violados. A nossa criatividade apostólica deve ter sempre como critério o bem daqueles para os quais nascemos carismaticamente do coração de Dom Bosco.

Em nossa Família Salesiana encontramos exemplos inspiradores de santidade realizados na opção pelo social e pelos mais pobres.

41 Cf. *Carta do Papa Francisco ao CG 28*.

A iminente proclamação da santidade de Artêmides Zatti, que na Argentina ofereceu a sua vida por aqueles que foram excluídos do sistema de saúde, simplesmente porque eram pobres e não podiam pagar pelo tratamento, enche-nos de imensa alegria. Esse grande santo Salesiano Coadjutor, imigrante italiano, exalta os mais profundos valores da misericórdia divina e é um testemunho maravilhoso de que a presença de Deus entre o seu povo transborda de generosidade e bondosa acolhida para gerar vida em abundância.

Junto com Artêmides Zatti, reconhecemos o grande dom para a Igreja e para a nossa Família Salesiana de figuras como a Beata Maria Romero e seu trabalho nas cidadelas dos pobres da América Central; como a Beata Maria Troncatti e seu trabalho com a saúde e a defesa da integridade das aldeias nas missões no Equador; como o Venerável Simão Sruigi, que não hesitou em trabalhar como enfermeiro para os doentes mais repudiados em Israel; e lembramo-nos ainda do Beato Luís Variara, que foi o apóstolo dos doentes mais esquecidos e isolados da Colômbia, onde também fundou as Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria para continuar a espalhar o afetuoso amor de Deus entre os mais frágeis. Na Amazônia, temos o testemunho do trabalho com as culturas nativas de Luís Bolla no Peru e Rodolfo Lunkenbein no Brasil: irmãos que foram verdadeiros profetas da caridade, da opção pelos mais pobres e do cuidado com a sua cultura e o seu ambiente natural.

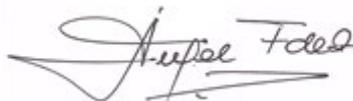
A ecologia integral, como nos ensina o Papa Francisco, diz-nos que “tudo está interligado”, e o cuidado da criação, da casa comum, está intimamente unido ao das comunidades humanas: «hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres».⁴²

Nosso caminho de santificação em meio à juventude pobre e abandonada continua a ser enriquecido pela entrega de Salesianos e leigos que, ao optarem por servir aos mais pobres e excluídos, e com os métodos de ação social que conhecemos hoje, descobrem a plena realização de suas vidas e o espaço seguro do encontro com o Senhor Jesus Cristo, o Senhor da vida plena.

Peço à nossa Mãe, Maria Auxiliadora, que continue a acolher sob o seu manto protetor as crianças e os jovens, as famílias e as comu-

42 Cf. FRANCISCO, *Laudato si'*, n. 49.

nidades marginalizadas e esquecidas nas periferias humanas e sociais e, graças ao seu coração materno, continue a despertar em seus filhos Salesianos e nos leigos com os quais compartilhamos a missão, a mesma paixão de Dom Bosco pela salvação das almas.



P. ÁNGEL FERNÁNDEZ ARTIME

Reitor-Mor

BIBLIOGRAFIA

- FRANCISCO, *Carta encíclica Laudato si'.* Sobre o cuidado da casa comum, Roma, 24 de maio de 2015.
- FRANCISCO, *Carta encíclica Fratelli tutti.* Sobre a fraternidade e a amizade social, Roma, 3 de outubro de 2020.
- FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium.* Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, Roma, 24 de novembro de 2013.
- FRANCISCO, *Meditação matutina na capela Santa Marta.* Por uma cultura do encontro, Roma, 13 de setembro de 2016.
- PAULO VI, *Carta encíclica Populorum progressio*, Roma, 26 de março de 1967.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a catequese*, LEV, Roma, 2020.
- SALESIANOS DE DOM BOSCO, *Capítulo Geral 27*, Roma, 2014.
- SALESIANOS DE DOM BOSCO, *Capítulo Geral 28*, Roma, 2020.
- DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL SALESIANA, *A Pastoral Juvenil Salesiana. Quadro referencial*, Editrice S.D.B., Roma, 2014³.
- DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL SALESIANA, *Pastoral Juvenil e Família*, Editrice S.D.B., Roma, 2021.